

LUZIA HELENA DE OLIVEIRA
RIJANIA MARIA DA SILVA CORDEIRO

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: "O PLANEJAMENTO NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL".

UFPa - CMB - Biblioteca	
Data:	18/12/03
Registro:	315 / 2003
Origem:	2
Cód: 370	

Marabá-Pa
2003

PEDAGOGIA
ETIQUETA Nº194

X



LUZIA HELENA DE OLIVEIRA
RIJANIA MARIA DA SILVA CORDEIRO

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: “O PLANEJAMENTO NAS
SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”.

Trabalho de conclusão de curso
para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia
Curso de Pedagogia – Universidade
Federal do Pará
Campus Universitário do Sul e Sudeste
do Pará
Núcleo de Marabá

Orientadora: Professora Irene Correia Ribeiro

Marabá-Pa
2003

AGRADECIMENTOS

Para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso várias pessoas e instituições contribuíram de forma decisiva. A elas gostaríamos de deixar registrado o nosso profundo agradecimento:

A Deus em primeiro lugar, nosso verdadeiro amigo e conselheiro.

Aos nossos pais por terem nos ensinado a viver e por estarem sempre presente em nossas vidas

À Educadora/mestre Sanatha Cristina (in memoriam), por ter dado o incentivo inicial à sua elaboração.

À Educadora Irene, pela revisão competente e precisa do texto final.

À Educadora Lucélia C. Cavalcante, pela colaboração na assessoria pedagógica.

Às Escolas pesquisadas, corpo docente, discente e técnico por ter viabilizado e permitido a utilização e divulgação do material pesquisado.

A todos o nosso humilde e sincero reconhecimento pela presteza e colaboração, que facilitaram, sobremaneira, a realização deste trabalho.

Agradecimento a Deus

Queremos expressar aqui o nosso profundo agradecimento a Deus, pela sua generosidade, nos fortalecendo nos momentos cruciais da nossa trajetória, dando-nos conforto, paciência, compreensão, pois acreditamos que tudo podemos naquele que nos fortalece.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Estelina e Manoel pela referência de vida e que mesmo, distante, incentivou-me com seus sábios conselhos e incansável dedicação.

Aos meus irmãos José, Lucineide, Lucelena, Josiel e Joseli por serem parte de mim e fiéis admiradores.

Aos meus sobrinhos Luan e Thauana pela a importância na minha vida.

Ao meu namorado Luziano pelo seu amor.

As amigas Felicidade, Rijania e Socorro pela sua compreensão e acolhida nos momentos mais difíceis.

(Luzia)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Januário e Rita, exemplo de garra, amor e alegria em minha vida.

Aos meus irmãos Rijanio, Rejane e Rijaniérica por ter acompanhado-me nesse trajeto.

À Pedro e Gervásio (in memoriam), avôs queridos e inesquecíveis.

As minhas avós Raimunda e Maria Mendonça.

Ao meu amor Paulo César por ser companheiro, amigo e amante de todas as horas.

As amigas Luzinete, Elizângela e Luzia por ter participado diretamente do meu percurso na Universidade.

(Rijania)

Para Sanatha

(in memoriam)

colega e amiga
colaboradora desta obra
e nossa maior incentivadora
nos momentos iniciais de
sua elaboração.

Assim como não se
levanta um prédio
sem plantas e
cálculos, não se
constrói educação
sem planejamento.

Adriana Vera e Silva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES.....	13
I CAPÍTULO	
1. BREVE HISTÓRICO SOBRE O PLANEJAMENTO.....	17
1.1 Conceituando o planejamento.....	23
II CAPÍTULO	
1 A ESCOLA E O SEU PLANEJAMENTO.....	27
1.1 O professor e o planejamento: a ausência de significado do planejamento pedagógico.	29
1.2 A escola, o planejamento e o aluno.....	36
1.3- Planejamento como práxis pedagógica - re-significando a prática docente e o seu planejamento.	40
1.4- O educador - sujeito de transformação.	43
1.5 Níveis do planejamento.....	49
III CAPÍTULO	
1. POR QUE É IMPORTANTE PLANEJAR.....	51
1.1- O educador e o planejamento: o desafio de saber planejar e ensinar.....	55
1.2- A necessidade de participação no planejamento.	62
ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	66

ANÁLISE DOS DADOS.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
OBRAS CONSULTADAS.....	87
ANEXOS	88

APRESENTAÇÃO

As idéias que iremos trabalhar, resgatam, de forma esperançosa, questões que no cotidiano da vida escolar instigam o questionamento e o debate entre os profissionais da educação, ressaltando a real importância de um planejamento significativo, concreto e possível de ser praticado para conseguir resultados previamente definidos.

É importante que todas as atividades ligadas à área educacional, exercidas pelos gestores, coordenadores pedagógicos e educadores em sala de aula, sejam planejadas. Pois os elementos envolvidos neste processo agem de forma intencional (ou assim deveriam), precisando tomar conhecimento dos fatos cotidianos que permeiam a realidade social, pensando seriamente com compromisso e responsabilidade sobre suas ações, agindo de forma objetiva para solucionar situações problemas.

Assim, com intuito de tornar acessível à leitura e compreensão desta produção as idéias serão sistematizadas e expostas em cinco (05) momentos:

Sendo o primeiro momento, as primeiras considerações, elencando o objeto de pesquisa, objetivos - geral e específico e a situação problema, ressaltando aspectos significativos que permeiam o processo de construção do planejamento pedagógico.

No segundo momento abordaremos o referencial teórico, pautado nas idéias de Vasconcellos, Maximiliano e Petreñoud, buscando evidenciar a problemática do planejamento

educacional, levantando algumas hipóteses para explicar possíveis descricções na ação de planejar e procurando resgatar o sentido real do planejamento.

No terceiro momento, está a abordagem metodológica, sendo está de cunho qualitativo referenciado em Ludke & André, as quais afirmam que esta tem um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador seu principal instrumento. E para realização da pesquisa de campo escolhemos quatro (04) escolas da rede municipal de ensino, localizadas no bairro São Félix/Marabá. Ressaltando que, dentre estas, a observação se deu apenas nas escolas, que chamaremos de A e B e a aplicação das entrevistas foram realizadas em todas as escolas (A, B, C e D).

No quarto momento, analisaremos os dados coletados durante o desenvolvimento da pesquisa, confrontando e/ou confirmando as idéias dos autores estudados e as afirmações/práticas observadas dos colaboradores.

No quinto momento, são nossas considerações finais, realizando um apanhado geral sobre a trajetória que percorremos e os resultados que obtivemos com essa produção.

No último momento, estão expostas os anexos. Sendo que primeiro vêm o questionário semi-estruturados e em seguida as respostas.

Enfim, como se poderá perceber, procuramos abordar a problemática que envolve o planejamento pedagógico, ressaltando possíveis alternativas que possibilite o resgate e a prática de um planejamento verdadeiramente significativo.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A organização planejada do trabalho docente quando desenvolvido em conjunto (onde todos participam ativamente), favorece um processo gradual de construção de uma cultura de trabalho em cooperação dentro do ambiente escolar.

Como a produção pedagógica do docente é construída “no” e “para” o coletivo escolar, torna-se essencial que o processo de formação do mesmo, promova situações de trabalho compartilhado, englobando os diversos conhecimentos a serem trabalhados, percebendo as necessidades e dificuldades de cada aluno. Acompanhando então, (juntos com esses outros atores sociais) as transformações dos fatos sociais diários que, certamente (ou totalmente), influenciam nas ações de todos que fazem parte de uma instituição que promove uma educação formal.

Infelizmente, muitos profissionais da educação, em especial os docentes, ainda demonstram estar satisfeitos __ ou alienados __ “com suas práticas rotineiras”, não sentindo então, nenhuma necessidade de se auto-formar e, em caso extremo, esquivam-se de comentar, falar quando nos referimos ao trabalho pedagógico desenvolvido por eles. Acomodando-se “com medo de sobrar alguma atividade /tarefa” que possa exigir dos mesmos esforços, senso crítico e poder de decisão.

O planejamento pedagógico do docente deveria ser encarado como um processo contínuo, dialético e de forma necessária, construído coletivamente com fins e objetivos que contemplem os que participam direto e indiretamente deste trabalho. Pois não há nesse processo técnicas ou

instrumentos que façam milagre, seja receita pronta ou definitiva. Até porque o trabalho pedagógico deve ser percebido e praticado de forma reflexiva e flexível.

De acordo com Vasconcellos (1999,p.37) “a questão do planejamento é desafiadora, pois projetar é para o mundo e não poucas vezes, estamos reduzidos em nossa humanidade... estamos desanimados, descrentes e cansados. Também no meio educacional __ entre docentes e outros membros da escola, estão presentes forças que impulsionam crenças e descrenças na educação”.

Com isso, a descrença pode ser definida e influenciada pela alienação das pessoas, contribuindo, em muitos casos, para que nem sempre o que se planeja venha se concretizar nas práticas escolares. Isto porque o planejamento só fará sentido se for colocado numa perspectiva de mudança, “o educador sujeito de transformação num processo dialético de **querer** (estar resolvido a fazer alguma coisa), e **poder** (capacidade de fazer algo), para alcançar satisfatoriamente o fazer, podem ser definido como **práxis**, desse processo” _ “**o fazer crítico, participativo e consciente**”. (Idem)

É no ato de planejar que será especificado e operacionalizado os procedimentos para concretização das atividades propostas, com o intuito de despertar o interesse, facilitando a compreensão e participação concreta dos alunos_ saber seduzir e tornar as aulas significativas e prazerosas_ dando sentido as ações cotidianas do docente, dentro de um processo construído coletivamente, considerando também as ações dos alunos que fazem parte do ambiente escolar.

Com base nas afirmações acima, definimos como objeto de pesquisa deste trabalho a organização do planejamento pedagógico realizado pelos educadores (1ª a 4ª séries) atuantes em 04 escolas da rede municipal de ensino do Município de Marabá, localizadas no Bairro São Félix. Com intuito de verificar, observar e analisar o planejamento do professor, bem como as diversas formas que este cria para desenvolver sua ação pedagógica no ambiente escolar. Acompanhando-os em suas atividades escolares (observação de algumas aulas) bem como, a aplicação de questionários semi-estruturados em que contamos para esse fim com a colaboração dos diretores, alunos e docentes (apesar de termos detectado certa resistência, principalmente por parte dos professores) das referidas escolas.

A nossa escolha por esse tema, entre outras variantes, se deu por sentirmos na prática e discurso de muitos professores a ausência da percepção da real importância da ação pedagógica planejada, organizada e sistematizada (o que evitaria práticas improvisadas), ou seja, muitos professores não dão credibilidade a esse ato, não encaram como necessário a sua prática, enfim, não acreditam que o planejamento é um instrumento real e significativo para a prática docente, além de que esse instrumento facilita o processo de ensino e aprendizagem de cada aluno, pois sendo uma ação sistematizada e organizada considera as necessidades dos mesmos, trabalhando no ambiente escolar aquilo que de fato é essencial para o crescimento intelectual, social e político dos educandos.

Diante disso, definimos a situação problema a ser considerada nesse trabalho, com interesse de percebermos as possíveis variantes que influenciam os educadores em sua ação pedagógica. Assim construímos algumas indagações pertinentes ao processo educativo, em especial ao planejamento pedagógico, sendo as mesmas:

- Por que há uma certa descrença no ato de planejar?
- Que fatores conduzem muitos professores a não perceberem o planejamento como necessário e importante para sua prática?
- Quais os verdadeiros compromissos que se têm com a educação?
- Que fatores podem ser atribuídos à ineficácia dos planos de aula?
- Por que há ausência de planejamento participativo na escola, de forma real e significativa para todos desse segmento?
- Por que muitos educadores não se percebem como sujeito transformador da realidade social?
- Por que o educando é encarado em muitas situações, como um ser neutro e apático a realidade?

Como objetivo geral para o desenvolvimento do trabalho, definimos a importância de observar e analisar a atuação dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental (na rede municipal), para tentar compreender como é construído e desenvolvido o planejamento pedagógico do educador. Sendo os específicos, identificar a importância do planejamento nas ações do educador; entender porque nem sempre a prática do educador, condiz com seu discurso;

observar a forma como o educador encara e pratica o planejamento; perceber o relacionamento entre educadores, educandos e a escola de forma em geral.

Portanto, buscamos ressaltar nesse trabalho aspectos significativos que permeiam o processo de construção do planejamento pedagógico construído e desenvolvido no ambiente escolar, buscando analisar de forma reflexiva todas as informações que obtivemos durante seu percurso de construção, tentando assim, contribuir com os profissionais da educação, ainda que de forma limitada, mas com coragem e esperança nas questões que no dia a dia do educador, continuam a instigar o conflito, pois apesar de ter um número considerado de educadores que não percebem o ato de planejar como um instrumento necessário para a efetivação de um bom trabalho pedagógico, percebemos que, ainda assim, podemos acreditar que esse trabalho auxilia à compreensão mais reflexiva das práticas educativas (do professor em especial), apoiado na construção e aplicação dos planos de aulas, seja este individual ou coletivo, sendo essa ação, a materialização das vontades e necessidades dos alunos dando objetividade, direcionamento e transparência às ações pedagógicas, pois acreditamos que não se pode conceber qualquer educador sem o planejamento como instrumento do seu trabalho, isto é, sem o ATO DE PLANEJAR.

I CAPÍTULO

1. BREVE HISTÓRICO SOBRE O PLANEJAMENTO.

A atividade de planejar é tão antiga quanto a humanidade. Assim o planejar foi uma realidade (e continua sendo) que acompanhou a trajetória histórica da humanidade.

Mas, a sistematização inicial do planejamento se deu fora do campo educacional, estando vinculado ao mundo da produção (I e II Revolução Industrial) e a emergência da Ciência da Administração, no final do século XIX.

Nesse sentido, afirma Vasconcellos(1999,p.27) que talvez o elemento mais complicador em termos de alienação do trabalho em que se emprega o planejamento, tenha sido a preconização feita por Taylor (americano, 1856-1915) na qual defendia a necessidade de separar a tarefa de planejar da execução, isto é, organizar cientificamente o trabalho, implica a distinção radical entre a concepção (idéias, teorias) e a realização (prática). Esse ponto de vista defendido por Taylor, acaba por respaldar e justificar a prática tão antiga (desde os gregos) de uns conceberem (homens livres, isto é, desfrutavam do ócio) e outros executarem (escravos, portanto dominados). Abrindo-se também, a partir desta definição, o campo para o planejamento tecnocrático em que o poder de decisão e controle está nas mãos dos outros (técnicos, políticos e especialistas) e não nas mãos e ações do próprio agente.

Ainda, segundo esse autor o planejamento passa a avançar para todos os setores da sociedade a partir do século XX, provocando um enorme impacto, principalmente, porque foi implantado e usado na União Soviética, não como simples organização interna das empresas (como vinha sendo implantado), mas sim como planificação de toda a sua economia.

Agora, restringindo ao contexto brasileiro e, para isso, consideramos algumas colocações de Gandin e Carlos Carrilho¹, o planejamento, voltado e elaborado no ambiente escolar veio a se consagrar nos meios governamentais e acadêmicos no Brasil a partir da década de 60, passando então, a ser obrigatório fazer “planos” para serem trabalhados nas instituições formais de ensino. No entanto, os únicos modelos de que se dispunham eram os que em pouco tempo de vivência, vigoravam na economia e em algumas empresas e quase sem nenhuma adaptação, passaram a ser empregados no sistema educacional.

Neste contexto, instituiu-se também a figura do supervisor escolar que passa a ter entre outras “funções-tarefas” a de exigir a elaboração de planos por parte dos professores. Onde os conteúdos eram pré-estabelecidos pela “cultura” escolar (portanto não questionável), uma ação dirigida, repetida ano a ano. E como consequência, mas também por outros motivos, o plano passou a ser uma lista de possibilidades e não um plano: “passou a dizer o que poderia ser feito e não o que de fato se iria fazer”. Limitando muitas escolas a listagem de conteúdos a serem trabalhados, muito mais para atender a burocracia exigida na transferência de algum aluno, do que por crença no próprio planejamento. (GANDIM/CARRILHO, 1996, p.14).

Então, a organização do trabalho do professor configurou-se, na escola, como algo meramente burocrático, isto é, mais para cumprir as ordens vindas de cima para baixo do que de fato planejar com objetivos reais e possíveis de serem alcançados tanto pelo professor como, principalmente, pelos alunos. Reduziu-se o “plano”, pois “qualquer professor com dois ou três anos de magistério não precisa fazer planos por escrito para repassar um conteúdo sobre o qual ele não toma decisões, que ele conhece bem (ou mal) e sobretudo o qual já trabalhou”. (VASCONCELOS, 1999)

¹ Planejamento em sala de aula, 2ª Edição: pág. 13.

Analisando a história da educação escolar, pode se perceber diferentes concepções de planejamentos, as quais são influenciadas e determinadas pelo contexto sócio-político-econômico-cultural de cada período da história. Assim a professora Margot Ott (1984) (apud, VASCONCELOS,1999,p.28) aponta três grandes concepções que vão se manifestar em diferentes momentos na história do planejamento:

- Planejamento como Princípio Prático.

Está relacionado à tendência tradicional de educação, onde o planejamento era realizado sem grande preocupação de formalização, preocupado basicamente com a tarefa a ser desenvolvida em sala de aula. E uma vez elaborado, era reutilizado cada vez que precisasse servindo por anos e anos.

O planejamento pedagógico, nessa concepção, não poderia nem ser definido como planejamento (sendo este, poderíamos dizer, o ato reflexivo de organização sistemática a partir de seus objetivos pré-definidos, um trabalho a ser desenvolvido), e sim como um “roteiro” que se aplicaria qual fosse a realidade, ou seja, planos previamente estabelecidos que guiariam todas as ações dos professores.

- Planejamento Instrumental/Normativo.

Essa concepção² (que se explicita no Brasil no final da década de 70), está ligada a tendência tecnicista de educação de caráter positivista, onde o planejamento aparece como mera solução para a problemática enfrentada nas escolas. No entanto, não questionava os fatores sócio-político-econômicos do contexto social, até porque, sua função e pretensão era a neutralidade, normatividade e universalidade.

² Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico, 6ª Edição: pág. 29.

Havia uma ênfase enorme na racionalidade, todavia a ordem lógica era tomada como referência a partir de quem ensinava e não de quem aprendia. Influenciada pelas teorias comportamentalistas, dava importância ao aspecto formal, a planificação dos comportamentos verificáveis “os professores eram obrigados a ocupar parte significativa de seu escasso tempo livre para preencher planilhas e mais planilhas”. E, “o aluno deveria aprender aquilo que o professor planejara, reforçando a prática do ensino como mera transmissão” (Gvirtz apud, VASCONCELOS, 1999, p.29)

- Planejamento Participativo.

Esta concepção é uma nova forma de se encarar o planejamento, em que “consciência, intencionalidade e participação são os seus fundamentos mais marcantes”. E, conforme Vasconcellos, o mesmo é o fruto da resistência e da percepção de grupos de educadores que se recusaram a fazer tal reprodução do sistema, buscando formas alternativas de fazer educação e portanto, de planejar³.(OTT apud VASCONCELOS, 1999,p.31))

Assim, o saber deixa de ser considerado como propriedade de ‘especialistas’, passando-se a valorizar a construção, a participação, o diálogo, o poder coletivo, a formação da consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática de mudança.

Dessa forma, o planejamento participativo rompe com o processo normativo/burocrático das concepções anteriores em que a prática docente e da escola são percebidas isoladamente do

contexto social. Nessa perspectiva, planejamento é definido como “instrumento de intervenção” da realidade, tendo entre seus objetivos a transformação direcionada para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária.

³ *idem*, pág.31. Vasconcellos afirma que, tais educadores que recusavam-se a reproduzir a ideologia dominante, estavam ligados à educação popular, movimentos de base da igreja católica, partidos de oposição aos regimes autoritários.

Não podemos esquecer que na realidade onde o processo educativo está inserido tais concepções em suas práticas não aconteceram e nem acontecem de forma linear, alheias aos fatos e acontecimentos que ocorre na conjuntura social, são determinadas pelo contexto sócio-político-econômico de cada período da história. Portanto, convivem e co-relacionam-se na mesma realidade, espaço e tempo. Desse modo a nossa intencionalidade, nesse momento, é frisar a importância da tomada de consciência (principalmente dos educadores) de tais definições/concepções que geram e norteiam o fazer educativo. Para que assim, não apenas as assimilem como um saber único e verdadeiro em sua totalidade, sem indagá-los (tomando-as como bordões da educação ou porque está na moda), e sem ter uma postura sobre esses saberes, pois acreditamos que é a partir do questionar, do fazer, que no ambiente escolar pode ser desenvolvido verdadeiramente um grau de consciência que permita, não só o educador, mas toda a comunidade escolar a pensar suas ações e rever seus posicionamentos.

Defendemos a idéia de que para empregar o planejamento pedagógico de fato na prática escolar com intencionalidade e organização, como salientamos acima, é importante a tomada de consciência, principalmente, por parte dos educadores (fazer a diferença), dos fatores sócio-político-econômico que influenciam totalmente nas ações escolares, isto é, o planejamento escolar comprometido com o processo ensino / aprendizagem, visa ensinar o aluno a aprender a aprender, saber posicionar-se criticamente na sua vida. Pelo menos é nisso que acreditamos, pois é somente a partir de uma compreensão do mundo que os sujeitos tornam-se capazes de interferir nele provocando as modificações sociais que julgar necessárias.

Esse nosso posicionamento se justifica pelo fato de, no cotidiano social, sentirmos os efeitos dos interesses dominantes e não conseguirmos agir sobre eles, seja como professor, seja como aluno. E almejando sermos mais persuasivas, em relação a essa idéia, acreditamos que devido o saber formal/científico, o conhecimento, ser trabalhado com base no repasse de conteúdos através de informações, por não ter sido trabalhado de forma dialética, acaba por fornecer elementos que estagna, molda e define como deve pensar, fazer e agir o sujeito. E tudo isso, pendendo para um lado ou para o outro depende do planejamento e do tipo de homens que se quer formar.

Com efeito, um planejamento pedagógico significativo para todos que fazem parte do ambiente escolar, exige a necessidade de superação de uma educação simplória, centrada no professor e totalmente bancária, pois como afirma Paulo Freire (2000,p.67) “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-los”. Dessa maneira, e numa perspectiva de educação dialógica, dentro das contradições sociais, vividas e portanto, necessárias de serem trabalhadas no seio educativo, o educador já não é o sujeito que apenas educa outros sujeitos, mas que, em processo de reciprocidade, enquanto educa, ensina o saber formal, cobrado pela sociedade, também, é educado. E que prevalecendo um espaço propício a produção de idéias, a criticidade, se favoreça a construção do bom senso, o senso crítico e transformador em todos os sujeitos sociais.

Nesse sentido, planejar com consciência faz a diferença, pois percebemos que esta sendo uma ação pensada analiticamente, traçando objetivos claros para serem alcançados, contribui para definir uma nova intencionalidade no trabalho do professor comprometido com a transformação social, idéias impulsionadora de suas práticas no ato de planejar. E quando pensamos em uma educação essencialmente voltada para o crescimento integral, problematizadora e libertadora, temos que pensar em um planejamento percebido por todos (alunos, professores, pais, diretores, etc) como necessário e fundamental para organizar e colocar em prática tudo que foi definido como importante para se trabalhar durante o ano.

Como já afirmamos, planejar é uma atividade inerente a evolução da humanidade, pois o ser humano em suas ações (das mais simples as mais sistematizadas), sempre pensou, criou, imaginou como poderia agir para vencer os obstáculos que se interpunham na sua vida diária. Assim, o ato de planejar é uma preocupação que envolve toda possível ação ou qualquer empreendimento das pessoas. Atualmente, a ação de planejar é bastante empregada no ambiente escolar. O planejamento, seja da escola, como um todo, seja do professor, com suas particularidades, contribui fortemente (quando percebido como importante e assim é praticado) para desenvolver a construção de uma cultura de trabalho em cooperação dentro desse ambiente. Isto porque quando se acredita que a partir do que foi traçado nesse planejamento e se busca

alcançar os objetivos definidos coletivamente, o compromisso e responsabilidade pelos produtos e avanços conseguidos são compartilhados por todos.

Enfim, a atividade de planejar, organizar algo a ser realizado, sendo parte integrada das atitudes humanas, contribui para a sistematização daquilo que foi definido como importante para se concretizar e, esta ação de planejar, estando pautada conscientemente na construção do aprender para a vida, no "educar-se"⁴, certamente contribuirá para a formação dos educandos, pessoas que devem ser cientes do seu papel social e, para os educadores, um dos atores do processo educacional, aqui encarados como conscientes participativos e transformadores da sua existência, e portanto do seu fazer diário. Pois, pensamos que a ação de qualquer educador deve esta imbuída e sistematizada no seu ato contínuo de planejar suas ações, como também, replanejá-las sempre que o percurso da vida, assim, o exigir.

1.1 CONCEITUANDO O PLANEJAMENTO

Segundo Vasconcellos (1995), discutir conceitos pode parecer "perda de tempo", sendo que o mais importante seria discutir o como fazer. Ocorre que, com frequência, as idéias mais interessantes sobre a prática, acabam advindo justamente da clareza conceitual. Quanto mais se aprofunda o conceito, maior o grau de liberdade, de autonomia do sujeito/professor, pois quanto menor a sua fundamentação maior necessidade de receita de modelo.

Neste sentido, planejar é antecipar mentalmente aprofundando uma ação (ou um conjunto de ações) a ser realizada e agir de acordo com o previsto. Planejar não é pois, apenas algo que se

⁴ Para Gandin e Carrilho, "educar-se" está dentro de um processo educativo complexo, onde se vale da afirmação de Paulo Freire "ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizado pelo mundo" (Pedagogia do Oprimido), para afirmar que o verbo a ser conjugado é "educar-se" e não "educar", pois, educar é um processo de "domesticação", fazer a "cabeça das pessoas" e, ao contrário, "educar-se" é buscar e definir a própria identidade (pessoal e de grupo), e assumir um compromisso social ... respeitar seus semelhantes.

faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensou. Esta antecipação e realização pode ser obra de um indivíduo, de um grupo ou mesmo de uma coletividade social bem mais ampla, (como por exemplo o planejamento participativo do sindicato, numa rede de ensino). Trata-se ao fim e ao cabo, de antever, projetar uma ação, mas não qualquer ação, é uma ação a ser realizada (torná-la real); é uma ação que visa um fim e por sua vez tanto o fim quanto a ação referem-se a uma realidade a ser transformada.

Em outras palavras o ato de planejar deve ser entendido como uma atividade consciente que emerge do desejo e da necessidade impostas pela realidade social. Exigindo o compromisso com a concretização daquilo que foi elaborado enquanto plano. Este compromisso corresponde a energética da ação, que possibilitará (no sentido de impulsionar e dar suporte) a passagem de esfera reflexiva ao mundo objetivo. Planejar, como podemos perceber é tentar intervir no vir-a-ser, antever, amarrar ao nosso desejo os acontecimentos no tempo futuro. Para isto, é preciso conhecer o campo que se quer intervir, sua estrutura e funcionamento: “o projeto retém e revela a realidade superada, recusada pelo movimento mesmo que a supera: assim, o conhecimento é o momento da práxis, mesmo da mais rudimentar”. (SARTRE apud VASCONCELOS,1999,p.83).

Portanto, o planejamento deveria ser para o professor o caminho de elaboração teórica, de produção de teoria. É evidente que no ritual alienado, quando muito o que acontece é tentar aplicar a teoria, e assim o professor se reduz a ser um simples ‘consumidor’ de idéias/ teorias elaboradas por terceiros. No entanto quando feito a partir de uma necessidade pessoal, o planejamento torna-se uma ferramenta de trabalho intelectual.

É importante salientar que o planejamento pedagógico não é uma ação fechada, única, pronta e acabada, mas ao contrário, está dentro de um processo flexível, dinâmico, participativo e de caráter democrático. Assim, pensado e praticado, envolve conscientemente todos os segmentos da instituição escolar e, no caso do plano de aula mais diretamente o professor e os alunos. E, sendo o planejamento flexível, tem-se a possibilidade de organizar o trabalho pedagógico, a ser desenvolvido em sala de aula, de forma significativa e não mais como algo fechado que o professor é obrigado a cumprir e “ensinar” porque exerce a função de professor/mestre.

Com o planejamento pensado e praticado de forma participativa, se ensina, e também se aprende, há uma troca, onde o professor não é o único detentor de saber, mas, todos possuem suas experiências e saberes e se o planejamento for desenvolvido conscientemente, tendo essa preocupação, o professor buscará respeitar as particularidades de cada aluno, envolvendo-o no seu processo de ensino e aprendizagem, dando assim, verdadeiro sentido à educação formal. Portanto considera o que é importante e necessário para a formação dos alunos_cidadãos, que devem saber seus deveres, mas também saibam seus direitos e lutem pela existência e respeito dos mesmos.

Assim, a ação de planejar é um ato sistematizado pelo o qual decidimos o que iremos construir, isto é, uma ação complexa e de reflexão sobre os desafios que enfrentamos na realidade, percebendo as necessidades dos atores que fazem parte do processo, buscando formas participativas de enfrentar com compromisso os obstáculos sociais, provocando então possíveis transformações em suas práticas como um todo.

Também pode ser definida como possibilidade de organizar um trabalho de forma mais significativa para todos, tornando as ações possíveis de se realizarem na sala de aula e, na sociedade de forma geral. Sendo essas ações fruto de um processo de reflexão e de decisão que deve se desenvolver principalmente na coletividade.

Além disso, o trabalho desenvolvido na escola, a partir do que é definido no planejamento pedagógico, ou como define Vasconcellos (1999) no “Projeto de Ensino e Aprendizagem” (que é o plano de curso e o plano de aula) conterà uma seqüência sistematizada e organizada de tudo que vai ser desenvolvido em um dia letivo, semana, semestre, em suma, durante o ano letivo. Sistematizando assim as atividades que se desenvolvem num período, em que o professor e os alunos numa dinâmica de ensino e aprendizagem estão envolvidos.

Portanto, o planejamento sempre foi um instrumento necessário e importante para o ser humano, em qualquer setor da vida em sociedade. E, a partir da sua elaboração e desenvolvimento torna possível definir o organizar o que queremos a curto, médio ou longo

prazo. Prevendo então, situações, definindo objetivos reais e organizando as atividades de qualquer trabalho e principalmente da educação. Então, o mesmo favorece, também, a elaboração de avaliações pautadas no que realmente se traçou e foi alcançado, considerando a real aprendizagem dos alunos, pois quando se planeja, organizam-se as ações a serem concretizadas ficando mais claro o processo avaliativo significativo, elencados com base nos avanços e deficiências dos alunos.

II CAPÍTULO

1. A ESCOLA E O SEU PLANEJAMENTO

Nesse capítulo abordaremos a importância de planejar no ambiente escolar, considerando que a educação formal e institucionalizada, sendo um processo, não pode ser desenvolvida alheia ao contexto social que influencia totalmente nas ações diárias do ambiente escolar, no qual o aluno está inserido como agente e ator das circunstâncias existenciais da vida social. Por isso, todo processo educacional requer a ação de planejar, ou seja, um planejamento global e um planejamento específico de ensino relativo as diferentes disciplinas e atividades que serão ministradas na escola.

Então, planejar passa a ser um instrumento de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para consecução das finalidades, metas e objetivos da educação. Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque a educação não é um processo cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos decorrentes de uma ação puramente mecânica e impensável. Pois, “o planejamento educativo não significa estabelecer o definitivo, através da determinação de finalidades educativas, as quais, absolutizam os valores que o ser humano deve aceitar, sem

possibilitar-lhe a própria escolha e a criação de novos valores” (MAXIMILIANO/ MARTINS, 1991:25).

O planejamento da escola, não deve ater-se a uma visão individualista, que gere a conformidade do ser humano a um sistema de restritas visões, sem que as suas necessidades básicas sejam satisfeitas. Isto porque, partindo da idéia de que a educação é um processo que deve libertar, conscientizar e compromissar a pessoa diante do seu mundo, ajudando o aluno a ser sujeito da sua ação educativa não pode, através do planejamento educacional, fazer com que os sistemas educacionais mantenham as estruturas tradicionais em uma explosiva direção, impedindo que a pessoa desenvolva sua originalidade e sua responsabilidade individual e social.

Então, a educação deve atender ao objetivo mais significativo para o homem que é “alcançar e conquistar sua libertação”. Por isso, a educação deve partir de uma visão antropológica, para que possa entender e compreender o homem na sua totalidade existencial (MAXIMILIANO/ MARTINS, 1991:27)

De modo especial, é importante que as atividades ligadas a área educacional exercidas pelo professor, diretor, supervisor, sejam planejadas. Considerando que os sujeitos envolvidos neste processo, ao agirem de forma intencional, precisam tomar conhecimento da realidade na qual estão inseridos, pensando com responsabilidade sobre suas ações e agindo de forma objetiva nas situações problemas.

Assim, planejar no ambiente escolar, não é fabricar planos inalteráveis, mas pensar e agir durante a ação a ser realizada e depois dela. Isto porque o planejamento é um processo de tomada de decisões tendo como um dos seus objetivos principais, possibilitar um trabalho significativo e necessário na sua totalidade.

Agora, devemos estar cientes de que o planejamento pedagógico elaborado pelos professores no ambiente escolar, para ter êxito e ser significativo, é fundamental que haja clareza por parte de todos os atores envolvidos, de como irá ser organizado o trabalho, ou seja, definir os objetivos a serem alcançados, traçar metas adequadas e possíveis para chegarmos a estes fins,

dispor de recursos tanto humanos como materiais para a execução do plano em sala de aula, enfim, avaliar de forma crítica e coerente, tanto no momento de sua elaboração como no seu desenvolvimento.

Portanto, podemos afirmar que quem planeja, principalmente, no ambiente escolar, não pode ater-se a uma postura e visão apática e neutra dos fatos sociais e educacionais, isto porque, limitando-se a essa postura tradicional, corre o sério risco de, nas escolas, formarem-se alunos acrílicos, alheios aos fatos históricos e, portanto mantenedores do sistema educacional, ideologicamente dominante, tradicional e conservador.

Deve-se então, visualizar o planejamento na escola com objetivos claros e possíveis de concretizá-los, proporcionando a cada aluno o desenvolvimento de competências que serão cobradas na sociedade como um todo, permitindo que esse aprenda, de fato, a aprender, produzindo novos conhecimentos, refletindo e tendo consciência crítica de tudo que o cerca, isto é, uma educação voltada para a formação de pessoas competentes e com identidade própria (sem ser apenas mais uma cópia alienada), que esteja preparado para enfrentar de frente o mundo e seus problemas conjunturais_ sócio-político-econômico, respeitando os diferentes valores e culturas de cada ser social. Pois a educação formal, quando bem planejada, é um instrumento valiosíssimo que possibilita a humanização.

1.1 O PROFESSOR E O PLANEJAMENTO: A AUSÊNCIA DE SIGNIFICADO DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO.

Observando a trajetória do planejamento no ambiente escolar, parece ser uma evidência que muitos professores não gostem e pouco simpatizem em planejar suas atividades escolares. Notando-se uma clara relutância na elaboração dos seus planos, havendo, então, uma certa descrença e desconfiança manifestada nos olhos, na vontade e disposição dos professores quando convocados para o planejamento pedagógico.

Parece haver, entre esses profissionais da educação, uma idéia de que o planejamento é desnecessário e inútil por ser ineficaz e inviável na prática, isto é, na ação prática nada acontece do que é planejado. A ação de planejar acaba sendo encarada como algo que existe apenas para satisfazer a burocracia escolar. Ficando de lado a idéia de que se faz planejamento porque é necessário, para se desenvolver uma ação mais organizada, dinâmica e possível de ser concretizada.

Assim sendo, o trabalhador, não domina seu próprio trabalho, na medida em que não sabe porque produz, como produz, sendo, pois alienado não só do produto, mas também do processo.

Seja para os alunos, seja para os professores, a escola corresponde a uma opção formal que aliena o caráter existencial e político da experiência pedagógica. O trabalho de ensino e aprendizagem, tomada como mera forma de sobrevivência pelo professor ou como mercadoria pelo aluno, perde a sua dimensão humana e reduz-se a uma relação fetichizada de trocas institucionais. A atividade educacional, nas condições em que corriqueiramente ocorre, é pura alienação. Por ser um articulador, o coordenador do trabalho em sala de aula e por ser a extremidade dessa intrincada rede de relações que é o sistema educacional, corre-se o risco de se atribuir ao professor toda a responsabilidade do fracasso escolar, não se percebendo que o que acontece na sala é reflexo, não mecânico, do leque de situações que a escola está sujeita a ser influenciada.

A situação de alienação se caracteriza pela falta de compreensão e domínios dos vários aspectos da tarefa educativa. Assim, percebemos que ao educador falta clareza com relação a realidade, finalidade e ação. Efetivamente, faltando uma visão de realidade, finalidade, fica difícil para o educador operacionalizar alguma prática transformadora, já que não sabe onde estar nem para onde ir.

O professor não tem compreensão do seu trabalho na complexidade que ele implica; foi expropriado do seu saber, esta situação que o desumaniza, deixando-o a mercê de pressões, de ingerências, de modelos que são impostos, impossibilitando um trabalho significativo e transformador, levando-o, por conseqüência, ao sofrimento, ao desgaste, ao desânimo, ao

descrédito quanto à educação, à acomodação, à desconfiança, chegando mesmo à falta de companheirismo de engajamento em lutas políticas e sindicais.

Assim, segundo Vasconcelos e também constatamos na pesquisa de campo que muitos professores entendem que tem de cumprir programas impostos, não sabendo o motivo pelo qual sua disciplina existe no currículo; quando são interrogados, dão respostas baseadas no senso comum, se questionarmos mais a fundo percebemos o embaraço em que ficam e muitas vezes acabam confessando que dão aquela matéria por exigência do programa pré- estabelecido e, no limite, em função do vestibular. Se interrogados sobre os seus rituais, não conseguem apontar justificativas relevantes, percebendo-se, dessa forma, a falta de domínio, de consistência e fundamentação. (1999, p.26)

Por outro lado, quando ao invés de partimos dessas práticas, “buscamos suas idéias, nos deparamos com belos discursos à cerca da educação e da atuação do educador”. (Idem)

O “bom” de um trabalho mecânico, repetitivo é que não exige maiores esforços. Fazer um trabalho mais consciente, crítico, criativo, significativo implica que o professor deva se rever, se capacitar, sair do estado de conformismo do ‘piloto automático’ enfrentar conflitos, etc. Se o trabalho do professor estiver marcado muito fortemente pela alienação, é claro que não verá o melhor sentido no planejamento.

E para que tenhamos um planejamento com significado devemos considerar três pontos fundamentais, “consciência, intencionalidade e participação”. Essa nova forma de se encarar o planejamento é fruto da resistência e da percepção de grupos de educadores que se recusaram a fazer educação e, portanto, de planejá-la. O saber deixa de ser considerado como propriedade de ‘especialistas’, passando-se a valorizar a construção, a participação, o diálogo, o poder coletivo local, a formação da consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática de mudança. (OTT apud, VASCONCELOS, 1999).

Segundo Pinto (1995:178) um dos objetivos do planejamento real e significativo, é “a transformação das relações de poder, autoritárias e verticais, em relações igualitárias e horizontais, de caráter dialógico e democrático”. (apud VASCONCELOS,1999)

Ainda, segundo esse autor, esta perspectiva rompe com o planejamento funcional ou normativo, onde a prática dos envolvidos no ambiente escolar, principalmente, do professor são vistas alheias, isoladas da realidade social. Aqui o planejamento é percebido como ferramenta de intervenção, capaz de transformar uma sociedade mais justa e igualitária.

E na tentativa de explicar o desgaste do planejamento junto aos professores, Vasconcelos (1999), aponta algumas contradições nucleares que se configuram como elementos comprometedores de seu sentido e força:

A) Idealismo: De um modo geral, nossa cultura é marcada pelo idealismo conforme análise pré-cedente, há uma tendência de se valorizar as idéias em detrimento da prática e mesmo de super estimar o poder das idéias, como se bastasse uma idéia clara para que, automaticamente, acontecesse alteração da realidade. O planejamento pode estar contaminado por esta concepção e, dessa forma, também contribuir para a manutenção da situação dominante, já que pode ser a expressão de uma série enorme de boas intenções, de coisas que gostaríamos de fazer, mas que não têm o menor senso de realidade que estão totalmente desvinculadas das reais condições materiais e estruturais da instituição e da sociedade, pois, como afirma Simone Weil (1979: 242) “é precioso conhecer as condições materiais que determinam nossas possibilidades de ação”.(apud, VASCONCELOS,1999,p.32)

Portanto, o mesmo desempenha um papel ideológico, de ocultação das reais contradições sociais e somente o enfrentamento dessas, nas suas bases concretas, permitiria a efetiva mudança da realidade, por mais que esta se desenvolvesse num nível e ritmo muito aquém do que desejamos de maneira gradual e paulatina. O importante é que aconteça, pois a idéia fundamental no processo de transformação é a necessidade das idéias estarem articulada a realidade e por ela fertilizada.

b) Formalismo: Segundo Vasconcelos no que se refere a ação pedagógica planejada, formalismo é uma atividade desprovida de significado para o sujeito educativo, ou seja, é a burocratização do planejar, que com certeza pode gerar profundo desgaste das idéias de um planejamento real e com sentido para o educador e os educandos. Isto porque o Formalismo, acaba restringindo-se ao cumprimento de prazos não discutidos, onde o educador apenas preenche formulários impostos, tendo que adequar-se a um saber pronto, 'técnico' e, certamente, acabado, inflexível. Elaboram-se planos para dar ar de seriedade à instituição, mas diante dos acontecimentos cotidianos, as decisões e as práticas vão sendo tomadas sem planos, sem uma organização pedagógica planejada.

c) Não participação: Outro problema no planejamento é a falta de participação, devendo ficar claro que, muitas vezes, essa ação é utilizada para disciplinar/dominar as ações dos professores e alunos. Afirmamos, pois, na medida em que um pequeno grupo planeja e decide a prática de um conjunto de pessoas, que por sua vez deverá apenas executar, certamente, está tolindo e desagregando as idéias da realidade. Tal problema, acaba por gerar um conformismo no grupo que recebe o planejamento definido, em relação a busca pela participação efetiva nesta ação, isto porque, acaba-se falando muito em participação, mas não evidencia o que se espera e necessita, é restritamente, a participação simples e rotineira na execução, cumprindo as ordens, pondo em prática o planejamento pseudo criado e contribuindo para a massificação dos conhecimentos considerados, assim, em sua totalidade, verdadeiros.

Uma outra prática é propiciar a participação em algumas questões menores, periféricas, sendo que as essenciais já vêm decididas ('pseudodemocracia'). A não participação também pode se dá no sentido de reduzir a área de domínio, o âmbito do campo do planejamento, qual seja o sujeito/grupo tem liberdade para decidir até um certo ponto, mas não participa do plano mais global. Enfim na representação de muitos professores, o planejamento acabou ficando marcado tanto pelo 'impossível' (não é possível planejar), quanto pelo 'contingente' (não é necessário, da forma como vem acontecendo não resolve).

Outra tentativa de explicar a descrença de muitos professores no ato de planejar é o que afirma Maximiliano e Ilza Martins (1991:44) “São várias as suposições que levariam os professores ao certo descaso e descrédito em relação ao planejamento”: Assim:

- Os professores não planejam, mas sim preenchem quadrinhos ou formulários que ao “experts” querem que façam;
- Os professores não gostam porque são obrigados a seguirem esquemas ou modelos rígidos de planejamentos e, desse modo, são impedidos de realizarem determinadas inovações, não só no planejamento como também nas suas atividades docentes;
- Às vezes, “os donos” de certos setores da escola não permitem inovações ou mudanças no ensino, por isso os professores não sentem necessidade de organizar e planejar suas atividades, se o faz, é só para cumprir uma obrigação burocrática;
- Por outro lado, muitos professores não sabem planejar as suas atividades, falta-lhes o conhecimento teórico e prático;
- Muitas vezes, o planejamento é visto apenas como uma cobrança. Outras vezes, os que exigem, dos professores, o planejamento, eles próprios também não sabem planejar. E os professores inseguros notam a insegurança dos que mandam fazer. A pouco e fraca orientação dada aos professores levam-os a desacreditar no planejamento;
- Os poucos estímulos e incentivos para os professores se aperfeiçoarem nos seus conhecimentos e habilidades em ensinar, é mais uma causa que tolhe a iniciativa dos professores quanto ao ato de planejar.

Portanto diante das questões e pontos de vista elencados, tanto por Vasconcellos como por Maximiliano e Ilza Martins, percebemos que o planejamento, para os professores, se torna um peso e até mesmo uma angústia que os levam a uma descrença total em relação à validade do ato de planejar. Ou seja, os professores não conseguem perceber (dentro desta perspectiva), o planejamento como uma necessidade que parte sempre de algo concreto e objetivo, acabando por minimizá-lo como um dever a ser cumprido porque é cobrado, isto é, como uma prática obrigatória e não necessária, porque será “cobrada” pelo supervisor, diretor ou pela Secretaria de Educação.

Como já abordamos, o planejamento na escola para muitos professores (e essa é uma realidade ainda presente), é o cumprimento de uma exigência burocrática que servirá apenas para ser engavetado. Muitos professores reclamam pelo tempo que “perdem” elaborando planos do seu trabalho que na maioria dos casos nem chegam a utilizá-los ao longo do ano.

Nesse sentido esses professores ainda não conseguiram perceber as vantagens do ato de planejar, não vêem o planejar como uma ação necessária e inerente ao seu trabalho. Portanto acabam dando aulas improvisadas, transformando o livro didático em planos de trabalho e, infelizmente utilizam – o por anos consecutivos, o mesmo plano que elaborou há dois, três anos atrás, sem considerar que a história da sociedade é mutável, e que, o que serve hoje certamente amanhã já não se emprega da mesma forma pois “ninguém banha da mesma água e do mesmo rio duas vezes, pois nem o rio nem a pessoa serão os mesmos”(HERÁCLITO).

Então, cada dia, a experiência é única e deve ser vivida, mas, nunca tomada como um ponto imutável, reutilizável por anos e anos.

Quando pensamos em um planejamento que faz diferença, o planejamento de verdade, pensamos também naqueles educadores que provocam suas ações, que criam, sistematizam e organizam seus trabalhos. Esses ao planejar levam em consideração o perfil do aluno que pretendem formar, as exigências colocadas pela realidade local, os resultados de pesquisas sobre aprendizagem, enfim, estão sempre em formação, buscando novos conhecimentos para aperfeiçoar seu trabalho escolar. Para esses professores, o planejamento é um instrumento de fato, um meio de organizar o seu trabalho e contribuir significadamente para o aprendizado dos educandos.

Desse ponto de vista, é no ato de planejar as atividades que serão desenvolvidas na escola, que o professor especifica e operacionaliza os procedimentos diários para a concretização dos planos de cursos, aula e unidade. Definido, assim, os objetivos imediatos, os procedimentos em meta do ensino, organizando as atividades de aprendizagem que serão usadas durante a aula de forma a despertar o interesse dos alunos facilitando a sua compreensão e a participação ativa.

Acreditamos que o professor enquanto orientador, facilitador e ator junto com os educandos no processo ensino e aprendizagem, deve procurar desenvolver sua criatividade, no sentido de transformar o real que está posto como algo imutável a partir da tomada de consciência que irá se concretizar numa constante busca de inovação de sua prática. E o planejamento é o instrumento essencial para alcançar tais objetivos, desde que seja entendido e aceito como algo indispensável, no qual estarão previstas as atividades definidas para cada aula.

Nessa linha de pensamento o planejamento deve ser para o educador um caminho de elaboração teórica, de produção da sua teoria. E nada melhor para saber se o que está fazendo está dando certo ou não, é a própria prática de planejar, registrar de forma sistematizada suas produções, suas dificuldades, pois “não existe nada mais prático do que uma boa teoria” (Kurt Lewin).

Portanto o planejamento entendido como necessário à prática docente, dará sentido as ações cotidianas de tal forma, que possibilitará a redução da improvisação do dia-a-dia das atividades na escola, isso porque, o professor auxiliado por esse instrumento saberá o que será organizado e definido para cada aula, como e porque o fará. Assim suas ações terão intencionalidade, definida através dos objetivos pré-estabelecido. Esse processo coloca o professor como ator consciente de seu trabalho, além disso, o planejamento pedagógico definido dessa forma, reduz as condutas contraditórias em relação aos objetivos educativos desenvolvidos. Permitindo ao professor analisar uma dada sociedade, refletindo sobre as condições existentes, prevendo alternativas de ação para superar as dificuldades ou alcançar as metas definidas nesse processo.

1.2 A ESCOLA, O PLANEJAMENTO E O ALUNO

A escola, ninguém pode negar, é um lugar de aprendizagem e uma parte daquilo que lá se aprende tem aplicação na vida. E no sentido sociológico, na escola, “vive-se e age, na vida ativa”,

é vivendo e agindo nesse ambiente que nos preparamos para viver e agir fora dele, independentemente dos programas e objetivos pedagógicos explícitos: “é o currículo escondido”.

Nesse sentido, através de uma prática que se estende por dez a vinte anos, a escola é certamente um lugar de aprendizagem essencial. Desta vez, não sob o ponto de visto dos programas e dos objetivos oficiais, mas na perspectiva da capacidade de viver em outros meios mais ou menos comparáveis com a escola e, particularmente, nas organizações, associações ou grupos em que um adulto pode vir a integrar-se. O conjunto de condições que geram essas aprendizagens constitui o que, por vezes, se denomina como o currículo escondido, o qual, pelo próprio fato de ser escondido, não se encarna nas declarações de intenções, num material de ensino, nos modos de trabalho escolar ou na avaliação.

Segundo Perrenoud (1994) é difícil saber ao certo o que se aprende durante dez ou vinte anos de escola para além dos objetivos cognitivos cobertos pelos currículos explícitos. “por um lado, por que nos falta instrumentos de medidas e porque não se sabe muito bem o que pretendemos medir; por outro lado porque é difícil, numa aprendizagem, separar o que é respectivamente imputável a este ou àquele meio de socialização”.

Como todas as organizações, a escola conta, para além dos seus agentes remunerados __ professores, diretores, diversos especialistas __ com um público utilizador, os alunos e, até certo ponto, ainda que de forma marginal com os pais. A organização escolar atribui aulas aos professores e aos alunos, concedem-lhes um espaço e recursos materiais, dá-lhes direitos e obrigações, impõe-lhes regras de condutas, modelos de referência, método de trabalho, norma de avaliação e horários. Nesse processo qualquer aluno, uma vez adulto, dependerá não só das suas competências escolares e das qualificações profissionais que lhe foi permitido adquirir, no atual sistema de formação e de seleção, mas também das suas competências enquanto ator social e membros de uma organização.

Em qualquer escola existe uma vida relacional muito rica e diversificada entre alunos ou entre estes e os adultos. “Raiva, desejo, amor, devoção... segregação, liderança, sexualidade, etc.”, todos os componentes da vida sentimental e relacional dos adultos se encontram também

nesse ambiente. Assim, a escola é um meio de vida social tão rico, complexo, ativo como a maior parte dos meios profissionais e, se isso não é evidente, é sem dúvida porque aos olhos da maioria dos “crescidos” a criança e o adolescente são só adultos em devir (Idem).

E aceitar que a escola seja o lugar de uma vida relacional intensa, e por um lado completamente estranha à lógica do ensino e da aprendizagem, não deixa de ter conseqüências pedagógicas do ponto de vista da interpretação das atitudes: “se o professor não conseguem sempre mobilizar a atenção e as energias, se as atividades que propõe não são sempre significativas como desejaria, não é por que as crianças e os adolescentes sejam apáticos e não se interessem por nada. É porque eles têm outros desafios, outros projetos, que o mobilizam muito mais e que lhes parecem bem mais significativos que a ficha de matemática ou a composição que lhes é proposta” (Idem).

No entanto, hoje, a escola exige de todos os seus alunos muito mais do que as competências elementares (aprender a ortografia, matemática, etc.) é preciso aprender a exprimir-se, a raciocinar, a organizar-se, a ser autônomo, a tratar das informações, a aprender a aprender, entre outras tantas aquisições complexas que se estendem por longos anos, e que se pressupõe interesse pessoal e a confrontação cotidiana com problemas, situações novas, com outras formas de dizer e de pensar.

Para o ser humano aprender, (em larga escala) deve apropriar-se dos saberes e do saber-fazer ou de pensar. Porém, muitas vezes, a aprendizagem não se dá de forma consciente e não passa por uma ação pedagógica deliberada. Na escola, sem se saber, aprende-se a viver numa organização, que se constrói através da aprendizagem do aluno, e desta com a vida em sociedade. E esse ambiente, é por definição um lugar aonde se vai para aprender, nenhum aluno pode ignorar essa informação (mas, devemos ficar atentos para a forma que estar se desenvolvendo essa aprendizagem)

Agora, é evidente que para o aluno ir além da simples competência, a escola deve possibilitar-lhes novas aprendizagens. E nesse momento, ressaltamos a importância da ação de planejar do professor, consciente, a fim de possibilitar de fato uma boa aprendizagem, ou melhor,

um bom ensino e uma significativa aprendizagem. Então planejar deve ser encarado como um ato participativo e consciente, e não simplesmente uma ação individualista ou de um grupo fechado que determina o que os outros agentes, no ambiente escolar, devam cumprir. Deve-se ter claro os objetivos a serem alcançados, pois caso contrário, o planejamento cairá em uma função burocrática e obrigatória (apenas para ser guardado).

Planejar sem a participação direta daqueles que fazem parte ou sem conhecer de perto as reais necessidades dos alunos, só provocará equívocos e resultará num plano fracassado. Daí, uma das problemáticas enfrentadas na escola, pois se planeja sem considerar os outros atores, no caso os alunos, conduzindo ao fracasso da maioria das atividades planejadas.

Assim, acreditamos que planejar a educação ou o ensino formal para as pessoas, não é, decidir o que devem fazer em suas vidas, é juntamente com elas descobrir uma melhor forma de compreender e participar ativamente da vida em sociedade. Porque, será na participação do grupo (respeitando as necessidades do aluno, e não apenas o cumprimento do conteúdo programático) que vão surgindo novas idéias e a organização das atividades até conseguir concretizá-las na prática de sala de aula.

Nesse sentido, um planejamento que vise a aprendizagem significativa para o aluno, num primeiro momento deve ser pensado pelo professor com seus alunos e, num segundo momento ser discutido e analisado por todos os professores e setores pedagógico da escola. E por fim re-planejado pelo professor com seus alunos que são os que vão tomar as decisões finais sobre esse planejamento.

A partir dos apontamentos realizados acima pensamos que, o planejamento pedagógico comprometido com o crescimento integral dos alunos (senso crítico, entendedor dos fatos, etc) propõe uma aprendizagem pautada principalmente na busca constante desse ato da educação, seja de fato (e não mais só no papel e discurso) pertencente integrante a ele, isto é, que o educando seja sujeito de seu desenvolvimento e não mero receptor de informações muitas vezes ultrapassadas, acríicas e alheias às transformações sociais.

Portanto, acreditamos que o planejamento do professor, deve estar comprometido com as reais necessidades de cada aluno. Pensamos também, que essa ação flexível de planejar, de organizar o que será desenvolvido propõe a existência de grupo-equipe, da participação direta dos alunos e, como consequência dessa ação democrática e crítica, se desenvolva ideais e posturas autônomas que geram a conscientização de todos os atores do processo educacional e com isto, possíveis transformações no fazer diário. O que basicamente daria ao ato pedagógico a força que ele realmente pode assumir como elemento fundamental que contribui de forma verdadeira com uma transformação ampla.

Além disso, queremos dizer que planejar para a vida, para “educar-se”, perpassa pela necessidade de mudança no pensar e no agir de muitos elementos, ou melhor, de muitos atores pertencentes ao ambiente escolar. E percebendo o ato de planejar como um dos atos essenciais na vida de qualquer educador, propõe-se primeiramente modificações no ato de pensar em seu cotidiano, modificando assim o seu agir e, paulatinamente, provocar transformações sociais de forma participativa e ampla em proveito do educando - ator educativo e social e de todos os seres sociais como um todo.

1.3 PLANEJAMENTO COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA - RE-SIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE E O SEU PLANEJAMENTO.

A ação de intervenção do homem é direcionada e intencional. Assim o trabalho enquanto “atividade produtiva adequada ao um determinado fim que adapta certos elementos da natureza às necessidades particulares do homem” (MARX, 1980: 50), ou seja, “interpretando como atividade material orientada por um projeto” (GIANNOTTI, 1985; 21), trazendo incorporada à idéia de planejamento como algo natural, inerente ao trabalho humano. Por seu turno à medida que o trabalho se torna alienado, o mesmo ocorre com o planejar.

Por isso dizemos que é, essencialmente, um ser de práxis. Os objetivos culturais com os quais o homem passa a entrar em relação, é o resultado do trabalho humano, é o trabalho

acumulado. O homem produz cultura e as novas gerações, a partir de sua inserção cultural passam a se produzir (e a produzir cultura também).

Nesse sentido, o planejamento tem uma forte base na representação, tanto no que se diz respeito à elaboração, quanto à realização. E a capacidade de pensar não é anterior à ação, mas, se formando no bojo da própria ação do homem sobre o mundo, tendo em vista a busca dos meios para a sua sobrevivência.

Há uma base material para o conhecimento “o pensamento não atua sem pressupostos e o pressuposto efetivo do concreto criado pelo pensamento é constituído pelo concreto real que é captado pela intuição e representação” (DAL PRA, 1971: 377). Onde as representações do sujeito, para se constituírem e avançam têm na relação com o mundo exterior, através da ação da atividade prática, um canal rico. Essa atividade implica a interação com os objetos materiais concretos, com os objetos que os rodeiam e a partir desse contato o sujeito pode abrir possibilidades de criar novos conhecimentos.

Então, a alteração da realidade é o grande desafio do homem, uma vez que por esta atividade o ser humano continua se fazendo, se constituindo, se transformando também. Nesse contexto mais amplo é que se coloca a tarefa de planejar. Portanto, se o homem se constitui enquanto tal por sua ação transformadora no mundo pela mediação de instrumentos, o planejamento _ como instrumento metodológico _ é um privilegiado fator de humanização. Se o trabalho estiver na base da formação humana e tem uma dimensão de consciência e intencionalidade, podemos concluir que planejar é elemento constituinte do processo de humanização: “O homem se faz pelo projeto”.

Com isto, planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada, é agir de acordo com o previsto, é buscar fazer algo incrível, “é essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal” Vasconcellos (1995). Ajudando a concretizar aquilo que se almeja (relação teórica/prática), onde aquilo que planejamos é possível acontecer; podemos em certa medida interferir na realidade, nos remetendo, assim, a querer mudar algo, acreditar na possibilidade de mudança da

realidade; perceber a necessidade da mediação teórica metodológica; vislumbrar a possibilidade de realizar o que desejamos.

Segundo Vasconcellos (1995,p.36) o fator decisivo para significação do planejamento é a percepção por parte do sujeito da necessidade de mudança. “E incrível, muitos professores parecem tão satisfeitos - ou alienados..., com suas práticas que não sentem necessidade nem de aperfeiçoamento. Talvez se questionado sobre a escola até tenham o que dizer, ou não, de medo que dizendo alguma coisa possa sobrar alguma tarefa para eles... todo o trabalho da ideologia dominante vai no sentido de anestesiar a percepção das contradições e a conseqüente necessidade de mudança”.

Ainda segundo esse autor, e constatamos com frequência durante a pesquisa, é que há uma descrença anterior mais profunda, não com o planejamento enquanto tal, mas, com a própria educação... (e, em alguns casos, no limite, com a própria existência: morte do entusiasmo, do espanto, da indignação - cf. Santos, 1996 a). O grande nó do planejamento educacional pode estar na morte do autêntico trabalho pedagógico devido a:

- Fatores Exteriores_ a falta de condições e de liberdade, a cobrança formal e autoritária do cumprimento do programa, etc.
- Fatores Interiores__ o professor que se entregou, que abriu mão de lutar, de resistir contra as pressões equivocadas. (1999,p.37)

“Não há processo, técnica ou instrumento de planejamento que faça milagre”. O que existem são caminhos mais ou menos adequados. O fundamento primeiro de qualquer processo de planejamento está no nível mínimo (considerando que a realidade é sempre contraditória e processual), pessoal e coletivo, de compromisso (desejo, ética, responsabilidade) e competência (capacidade de resolver problemas).(Idem)

Nessa perspectiva o planejamento não serve para cumprir funções burocráticas “faço porque me cobram” mas, pelo contrário é um elemento essencial em qualquer prática do educador, permitindo sua organização e o desenvolver das atividades de forma coerente, pois ao ser pensado e sistematizado o que será realizado, acreditamos que podem ser destruídas, possíveis

idéias de que o planejamento só serve para ser dado visto pelo supervisor e, posteriormente, engavetado. O que queremos dizer é que, o planejamento não é apenas a listagem dos conteúdos programáticos que “devem” ser expostos e trabalhados no espaço escolar, mas também, é a análise e a organização mais aberta, mais dialógica, das diversas formas que um assunto possa ser trabalhado (quais recursos utilizar), ultrapassando a simples cópia do livro na lousa, que todos sabemos, em nada seduz o educando.

Vale ressaltar, ainda, que o principal fator que consideramos importante para re-significar a ação de planejar do educador é torná-lo, aos olhos desse ator da educação, significativo, importante e necessário a sua prática⁵. O educador tem que acreditar em sua ação tem que a partir de seu compromisso, procurar ampliar sua formação, provocar novas aprendizagens (suas e dos educandos) e não se trancar no “seu mundo”, achando que sabe o suficiente para “ensinar”.

Portanto, o planejamento só é significativo e dará bons resultados, quando se planeja, considerando a realidade da sala de aula e da sociedade em geral. O planejamento feito sem sentido, “só porque é cobrado” não minimiza e muito menos acaba com todos os problemas enfrentados na escola. Mas, quando se trabalha organizadamente, com as atividades pré-definidas, sabendo o que será realizado, oportuniza - se novas aprendizagens, valorizando todo o esforço dos que participaram desse ato. Pois planejar é uma oportunidade de pensar em diversas formas de motivar os alunos a quererem aprender e desafiam-os a buscarem mais. E como já falamos, essa ação por si só não faz milagre, o educador não tem somente que planejar, mas fazer com que sua ação organizada sistematicamente, aconteça de forma a envolver os educando em sua aprendizagem, trazendo, então, resultados significativos à vida de todos da escola.

1.4 O EDUCADOR - SUJEITO DE TRANSFORMAÇÃO.

⁵ Infelizmente percebemos durante a pesquisa de campo, um certo descrédito no planejamento. Muitos dos professores entrevistados não perceberam ainda a necessidade e a importância de planejar.

Nesse tópico pretendemos resgatar o verdadeiro lugar do planejamento na prática escolar, para isso, há um elemento essencial que deve ser compreendido e praticado, isto é, o educador deve se colocar como sujeito ativo no processo escolar. Assim, nas suas ações deve estar explícito um querer fazer, com compromisso e responsabilidade pelo que se desenvolve. No entanto, não basta apenas querer, pois devemos considerar que o sujeito faz parte de uma realidade maior e que sua ação vai depender também das transformações que nela acontece. Então é preciso que seja, historicamente, possível de ser realizada, ou seja, é preciso poder, para junto com o querer consiga-se praticar de forma satisfatória e justa.

E quando falamos em poder, Vasconcelos explicita que há uma base objetiva que são as condições para a ação (os meios, os recursos, sejam materiais ou estruturais), e uma base subjetiva que é o saber (seja na forma de conhecimento, habilidade e atitudes). E acreditamos que sem essas duas, muitas vezes, fica difícil apenas querer, sem ter recursos materiais, habilidades e a busca constante de novos conhecimentos e informações, até porque não podemos pensar a ação docente sem este agir provocativo, procurando sempre acompanhar as transformações sociais.

Nesse sentido, não devemos considerar e perceber o educador, sujeito de transformação, como pronto com todos os conhecimentos, mas sim, visualizá-lo como um ser em constante formação que precisa construir-se enquanto ser político e participativo na realidade, construindo, assim, sua identidade social. E para isto, é fundamental fortalecer seu querer e seu poder. Assim, é necessário observar previamente que há uma dialética entre o possível e o necessário, isto é, o fato do sujeito saber o que lhe é necessário, o provoca a procurar as possibilidades de realizar, o fato do sujeito saber o que é possível, abre espaço para que necessidades sejam neles geradas. Portanto, quando há interesse no resultado, certamente o educador vai envolver-se efetivamente no planejamento e seu empenho nesse ato dependerá do quanto e o que ele julga relevante planejar.

Então, ao professor cabe interromper o cruel processo de imbecilização, de destruição a que vem sendo submetido. Precisa resgatar-se como ator, como sujeito, como ser autônomo, para enfim, resgatar sua dignidade. E o planejamento pode ser um valiosíssimo caminho para isto, pois ajuda superar o processo de alienação, qual seja, fazer, com que o professor, enquanto ser

consciente, não transforme “sua atividade vital, o seu ser, em simples meio da sua existência”. A superação da alienação não pode ficar restrita a um querer apenas em discurso, mas, obviamente, o planejamento consciente da atividade em sala de aula, vai implicar a intervenção do professor na escola, na comunidade e na sociedade no seu aspecto mais geral. (Marx apud, VASCONCELOS,1999,p.41)

Desta forma, acreditamos que o projeto principal de uma educação emancipatória consiste, também, em recuperar e resgatar a capacidade de espanto, de indignação e sensibilidade do educador para, então, formar e construir uma subjetividade inconformista e reflexiva, na qual tais habilidades devam ser desenvolvidas, antes de qualquer coisa, pois estas são condições evidentes de possíveis possibilidades de mudanças na ação constante do fazer educativo do educador.

Nessa linha de pensamento, para Vasconcelos (1995), o planejamento é uma questão política na medida em que envolvem posicionamento, opções, jogos de poder, compromisso com a reprodução ou com a transformação. Todavia não é suficiente desenvolver um trabalho apoiado apenas numa nova abordagem, mas deve ir além, é preciso trabalhar, concomitantemente, a descrença que o professor traz em relação a essa ação. Portanto, deve trabalhar a percepção, o conhecimento, as representações prévias que já tem deste. Buscando dar sentido, ou melhor, resignificando este planejamento, muitas vezes, desconsiderado e descartado da sua real importância. Havendo, então, uma questão elementar que é a valorização do mesmo, o estar mobilizado para fazê-lo, entendê-lo e realmente visualizá-lo como uma necessidade essencial à prática docente.

Como falamos, o planejamento deve ser encarado como um ato político, sendo o momento de tomada de decisões, de resgate de princípios que embasam a prática pedagógica. Mas para isto, é preciso atribuir-lhe valor, acreditar e sentir que planejar faz sentido, em suma é fundamental repensar sua prática, dar a verdadeira credibilidade ao ato de planejar, ter motivação, deixar-se seduzir e assim, concretizar no espaço da escola, aquilo que foi definido e/ou redefinido como essencial às pessoas que estão envolvidas diretas ou indiretamente nesse processo.

E, se o ponto de partida para ter motivação, deixar-se seduzir e ter interesse em planejar é o desejo e a necessidade de mudanças na realidade, é preciso termos consciência que esta mudança não se dará de forma alguma, espontaneamente, sem provocá-la (o que transforma a realidade são as ações) e muito menos tendo, apenas boa vontade, pois não é qualquer ação, que fará com que o planejamento seja significativo e satisfatório.

Uma certeza deve ser resgatada: o ensino desprovido de sentido (apenas para reproduzir), pode existir sem planejamento, todavia a recíproca não é verdadeira. Se desejarmos uma educação democrática, temos que ter um projeto bem sistematizado e possível de concretizar. Isto porque, à medida que o indivíduo/grupo não conhece os fatores condicionantes mais essenciais, agindo de forma imediata, sob a pressão de determinações que lhe são desconhecidas, menos sujeito é da história e mais determinado e moldado vai se encontrar. E sendo o planejamento uma ferramenta primordial de trabalho do educador, a sua ação deve ser desencadeada, aliada a uma intencionalidade coerente, fruto de uma proposta sistematizada, real e praticável.

Pensado o planejamento pedagógico como necessário a todo processo escolar, temos que ter a consciência de que o trabalho nesse ambiente desenvolvido é dos mais complexos e intrincado ao ser humano, ou seja, trata-se da formação da consciência, do caráter e da cidadania, por isso exige, também, um planejamento à altura. Estamos partindo do pressuposto de que a tarefa de educar, ou melhor, “educar-se” é, por demais, importante e complexa para ser decidida e realizada isoladamente na base da improvisação, ao acaso, dando sempre um “jeitinho” em cima da hora.

E se o educador não pudesse contribuir de fato com a re-significação do planejamento, bem como da sua própria ação, de nada adiantaria falar em planejamento. Mas, sabemos que esse ator, quando compromissado, contribui totalmente para alcançar essa meta. Agora é preciso que o sujeito-educador sinta-se com capacidade para dominar uma situação e nela promover mudança, pois planejar envolve um exercício de poder. E como afirma Saviani (1983 a:64) “é preferível um poder limitado, porém real, a um poder ilimitado (seja pessoal ou das estruturas), mas ilusório”. (apud, VASCONCELOS,1999,p.83).

O educador tem que se fazer (e fazer sua prática) numa ação conjunta (aluno/professores), percebendo que somente na comunicação, no diálogo, troca de conhecimento e experiência, faz sentido a vida da humanidade, ou seja, o educador tem que compreender que o seu pensar e agir na escola e na sociedade com um todo só ganha autenticidade (portanto fazendo sentido o seu planejar) no pensar e agir do educando, esses por sua vez mediatizado pela realidade, portanto na intercomunicação.

Por isso podemos concluir que o pensar do educador não deve ser um pensar pelos educandos e muito menos imposto a eles, mas ao contrário, fazer-se compreender que a aprendizagem se dá no coletivo, mas cada um tem sua responsabilidade pela sua aprendizagem, aprender a aprender, participar totalmente da aprendizagem que lhe pertence, pois como afirma Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”.⁶

Pensando dessa forma, Freire (2000) ressalta ainda que o educador já não pode ser encarado apenas como o que educa, mas o que enquanto participa de processo de educação é também educado, em diálogo com o educando que, por sua vez, ao ser educado, também educa, pois o ato de educar não pertence apenas à figura do educador, mas é inerente a todos os seres humanos. Todos pensam, planejam, constroem, em suma, modificam suas ações no constante esta sendo e vir a ser.

Na prática problematizadora, o educador re-faz constantemente seu pensar, como também os educandos. Estes agora encarados como investigadores críticos de sua própria aprendizagem. E na medida que a educação seduz, realmente, aos educandos, se faz compreender e torna significativa para eles. Quanto mais problematiza os educandos, como seres no mundo, tanto mais se sentirão desafiados, e quanto mais desafiados, mais sentirão vontade de vencer os obstáculos.

⁶ Paulo Freire, 1987:68.

Assim, a ação do educador de planejar é necessária, pois para tornar essa educação significativa e sedutora, deve de antemão organizar-se, definir o que se quer alcançar, seja a curto, médio ou longo prazo. Por isso em uma prática que visa a formação de sujeitos participantes no social, deve haver um planejamento real e coerente. Sendo revisto, re-planejado de acordo com as necessidades, impedindo, dessa forma, que as práticas improvisadas e prejudiciais a aprendizagem se solidifiquem, ou seja, quando se planejar, e ver sentido nesse ato, não se pensa em “dar aula” ou “só olhar no livro e pronto” mas ao contrário se pratica a organização das atividades importantes que se elencaram para aquele momento.

Portanto, o educador, sujeito de transformação (em si e provocando também nos alunos), se re-faz numa ação constante__ práxis, isto é, para ser tem que estar sendo. Para se conseguir uma aprendizagem significativa, tem que se planejar com compromisso e fazer-se perceber o quanto essa ação é primordial para seu trabalho pedagógico, como para a formação dos educandos.

Para isso devemos estar cientes de que para uma nova prática emergir é preciso articular, simultaneamente, tanto as condições subjetivas, clareza de propostas, necessidades, motivação, interesse, compromisso, quanto as condições objetivas (certas disposições concretas da realidade a ser trabalhada).

Se desejarmos que o planejamento deixe de ser ‘um ritual hipócrita’, é fundamental discutirmos as necessárias condições que a escola precisa conquistar e oferecer para se realizar um trabalho digno e coerente. E sendo um processo, implica ir por passos, não querendo transformar tudo de uma só vez (mesmo porque não é possível). Devemos procurar ir arrebatando um a um dos problemas, a começar pelos mais próximos. Assim a escola deve se organizar a partir de suas necessidades internas, articulando-se com lutas mais gerais por uma sociedade mais justa e livre.

Dialeticamente podemos dizer que planejamos porque podemos e, podemos porque planejamos, visto que o planejamento coloca-se como um caminho do homem resgatar sua dimensão de sujeito, na medida em que, através dele, se capacita para exercer sua liberdade, sua

criatividade, para traçar o seu destino, não de uma maneira ilusória, mas preparando-se para o confronto com estas determinações e limites da realidade a ser mudada.

1.5 NÍVEIS DO PLANEJAMENTO

Nas instituições que promovem o desenvolvimento dos conhecimentos formais, ou seja, na educação escolar, é o lugar em que, por excelência, se “produz” planejamentos a cerca do que se trabalhará a cada ano.

Nesse sentido, na escola deve-se desenvolver planejamentos em diferentes níveis de abrangência e, de acordo com Vasconcellos os mesmos, podem assim ser elencados:

1-Planejamento do Sistema de Educação:

Esse planejamento é o de maior abrangência, que equivale ao planejamento a nível nacional, estadual ou municipal. Nele são incorporadas e refletidas as grandes políticas educacionais, enfrentando dessa forma as problemáticas geradas, tais como: o atendimento, à demanda, a locação, gerenciamento de recursos, etc.

2-Planejamento da Escola:

Trata-se do que Vasconcellos denomina de PPP__Projeto Político Pedagógico, que é o plano integral da instituição compondo-se do Marco Referencial __ Marco Situacional, Marco Doutrinal e Marco Operativo, Diagnostico e Programação. Envolvendo nesse processo três dimensões, intrínsecas: a pedagógica, a comunitária e a administrativa do ambiente escolar.

3- Planejamento Curricular:

É a proposta geral das experiências de aprendizagens oferecida pela escola⁷.

⁷ A Proposta Curricular pode ter como referência os seguintes elementos: fundamentos da Disciplina/Área de Estudo, desafios pedagógicos, encaminhamentos metodológico, proposta de conteúdos, processo de avaliação. (cf. Vasconcellos, 1999: 95)

4- Projeto de Ensino-Aprendizagem.

É o planejamento mais próximo da prática do professor e da sala de aula. Corresponde mais restritamente ao aspecto didático_ plano didático. Ele pode ser subdividido em duas partes:

- Projeto de Curso__ será a sistematização da proposta geral de trabalho do professor naquela determinada disciplina ou área de estudo, numa dada realidade, podendo ser anual ou semestral;
- Plano de aula__ é o trabalho do professor para uma determinada aula, ou conjuntos de aulas (também chamado Plano de Unidade). É a parte mais detalhada e objetiva do processo de planejamento didático “é a orientação para o que fazer no cotidiano”. Mais, é bom lembrar que, o mesmo terá mais consistências e organicidade se estiver articulado ao Projeto de Curso e ao PPP da escola.

5- Projeto de Trabalho:

É o planejamento da ação educativa baseada no trabalho por projeto; são projetos de aprendizagens (Pedagogia de Projetos) desenvolvidos na escola por um determinado período, geralmente de caráter interdisciplinar.

6- Planejamento Setorial:

É o plano dos níveis intermediários (cursos, departamentos) ou dos serviços no interior da escola (direção, supervisão, etc).

III CAPÍTULO

1. POR QUE É IMPORTANTE PLANEJAR?

Vasconcellos (1995) afirma que, não poucas vezes, o professor diante de problemas que não domina fica desafiado, não sabe como enfrentar, acusa, se irrita, agride, em suma, não sabe o que fazer. E por que não sabe? Por que não sabe o que quer? E por que não sabe para onde quer ir? E porque não sabe onde está, não sabe o que é que condiciona sua ação.

Assim, confrontando com a formação que teve, verificamos que esta, com freqüência, foi de caracteres meramente prescritivo (conjuntos de orientações, quase mesmo receitas de como se deve agir) ou técnico (em sentido estreito, conjunto de passos a serem dados), ao invés de capacitá-lo a teorizar, se debruçar sobre a realidade para poder entendê-la e intervir de acordo com as necessidades e objetivos elaborados a partir da situação concreta.

O fato é que o educador (em muitos casos) costuma não ter método de pesquisa e de trabalho, para a transformação da prática. Por isso, tem-se afirmado, cada vez mais, a necessidade do educador reflexivo.

Nesse sentido, o planejamento pode ser entendido e colocado como um instrumento teórico-metodológico que possibilita interferir e agir sobre os acontecimentos da realidade.

Todavia, mais que instrumento, ele deve ser vivenciado como “Método de Trabalho do educador” quer seja, encarado como postura (algo reelaborado e interiorizado pelo sujeito), como forma de organizar a reflexão e a ação ou como estratégia global de posicionamento diante da realidade. Assim, diz Vasconcellos que “Método de Trabalho é o outro nome de Planejamento”. (1999,p. 75)

É importante salientar que o planejamento não é uma coisa que se coloca como algo a mais no trabalho do professor, muito pelo contrário, é o próprio eixo de organização e definição deste trabalho. Às vezes, da maneira como o professor se refere ao planejamento, parece que é uma coisa exterior, ou seja, vai pensar sobre seu trabalho, tomar as decisões e por fim desenvolver o planejamento. Entendemos que o ato de pensar sobre a prática, organizar as idéias e tomar as decisões sobre a ação a ser realizada já é planejamento. A proposta de planejamento que estamos aqui desenvolvendo, visa, justamente, organizar, sistematizar e direcionar, esta reflexão do educador.

De fato, o planejamento enquanto construção-transformação de representações é uma mediação teórico-metodológica para a ação que, em função de tal mediação, passa a ser intencional. Tendo por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, a concretizar, e para isto é necessário ‘amarrar’, estabelecendo as condições __ objetivas e subjetivas__ prevendo o desenvolvimento da ação no tempo (o que vem primeiro, o que vem em seguida), no espaço (onde vai ser feita), as condições materiais (que recursos, matérias, equipamentos serão necessários) e políticas (relações de poder, negociações, estruturas), bem como a disposição interior (desejo, mobilização), para que aconteça. É fazer história: uma tentativa de fazer elo consciente entre passado, presente e futuro. Independente de o sujeito planejar ou não, há um fluxo do tempo, dos acontecimentos. Planejar é tentar interferir nesse fluxo.

E se no processo de planejamento estamos visando um certo tipo de ação, precisamos então buscar a teoria que a fundamente e, sobretudo, que possa servir de guia para prática. A teoria pode ser, então, um elemento importante na alteração da realidade econômica, social, política e cultural. Mas, “esse fator subjetivo só pode ser decisivo sob a condição de integrar-se no movimento dos fatores objetivos” (VAZQUEZ, 1977, 39).

Para planejar, é importante conhecer bem a realidade, as experiências anteriores, ampliando o leque de possibilidade de criação de novas representações (seja do aluno ou do professor).

Para Maximiliano e Martins (1991), o planejamento é importante, porque, o ato de planejar é uma preocupação que envolve toda a possível ação ou qualquer empreendimento da pessoa.

Então:

[...] “Planejar foi uma realidade que acompanhou a trajetória da humanidade, tanto que o homem primitivo, no seu modo e habilidade de pensar, imaginou como poderia agir para vencer os obstáculos que se dispunham na sua vida diária. Onde este, no uso da sua razão sempre pensa e imagina o seu o que fazer, isto é, as suas ações cotidianas então o ato de pensar não deixa de ser um verdadeiro de pensar” (Maximiliano, 1991, p.15).

Com isso o planejamento sempre parte das necessidades e urgências que surgem a partir de uma sondagem sobre a realidade. Esta é primeira parte do processo de planejamento, que requer habilidade para prever uma ação que se realizará posteriormente, por isso exige uma acertada e racional previsão de todos os meios e recursos necessários nas suas diferentes etapas de desenvolvimento e de efetiva execução para alcançar os objetivos previstos. Esta previsão é um momento que envolve uma análise profunda da realidade, das disponibilidades, das possibilidades dos meios, dos recursos humanos e materiais. E uma das etapas principais do processo de planejamento é a definição e seleção dos objetivos. Porque são estes, que vão dar toda a orientação e direção à dinâmica de processo do planejamento, como também sua execução.

Nessa linha de raciocínio, pensamos que planejar não deve ser pensado e praticado para formar um tipo exclusivo de homem, ao contrário, em essência deve auxiliar este, para que possa determinar a sua escolha, a partir dos seus direitos e das suas possibilidades. Planejar um tipo de homem, através da educação, seria robotizar o próprio homem, sem possibilitar-lhe escolhas, pois uma educação inteiramente dirigida com a finalidade de, também, dirigir e manipular o homem, não lhe possibilita sua alto determinação, não é verdadeira educação. Esta, planejada de modo rígido e inflexível poderá criar tipos de pessoas totalmente desengajadas da

realidade. Resultando, então, em instrumentos dirigíveis, manipuláveis pela sociedade tecnocrata, seres alienados e massificados com poucas oportunidades de libertação.

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque a educação não é um processo, cujos resultados possam ser totalmente pré-definidos, devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem, não impondo diretrizes que o alheiem da realidade, permitindo que a educação ajude o a ser criador de sua história.

Nesse sentido, deve ficar claro que o planejamento em si não transforma a realidade, não adianta ter planos bonitos, se não tivermos “bonitos compromissos, bonitas condições de trabalho sendo conquistadas, e bonitas práticas realizadas”. O que vai, de fato, orientar a prática é a teoria incorporada pelos sujeitos. Por isso, não adianta um belo texto que não corresponda ao movimento conceitual do grupo. E a educação sendo uma atividade humana, com a qual o homem se preocupa de maneira especial, deve ser planejada cientificamente para dar-lhe uma direção que venha atender às urgências humanas. Sendo a pessoa o fim último da educação, faz-se necessário refletir, profundamente, sobre a essência da educação e sobre o próprio processo da educação que tem como meta final à formação integral do homem (VASCONCELOS, 1995).

Assim, acreditamos que a ação contínua, reflexiva e flexível do planejamento pedagógico, é importante, pois promove uma organização sistematizada do trabalho e das atividades como um todo para serem desenvolvidas.

Além disso, é essencial porque, sendo uma ação pensada, define objetivos possíveis de serem alcançados, orienta o trabalho do professor, o que permite esse afastar-se ou eliminar o ato improvisado das atividades durante as aulas. E sendo ações planejadas promovem a participação da comunidade escolar, isto porque, cada um terá discernimento de seu compromisso, da necessidade de colaborar, possibilitando com a realização das ações de forma coletiva, a prática de trabalho participativo, em que todos em equipe trabalhem em prol da principal finalidade da educação (a nosso ver) que é a formação ampla de cidadãos. Esta pertencente principalmente ao sujeito-educando, valorizando suas práticas, suas particularidades, culturas, valores enfim valorizando cada ser com sua identidade própria e coletiva construída na coletividade e

particularizada em cada ser, pois sabemos que ninguém é igual a ninguém, mas que somos seres heterogêneos, necessitando, assim, da construção (esta mutável e permanente) da identidade política e social que permitem participar diretamente das transformações sociais, apropriando-se de instrumentos (competências) para participar na sociedade. Assumindo, de fato, um compromisso político-social que construa formas dignas de vivência para todos. E o planejamento assim “pensado e praticado assume sua função humanizadora, isto é, permite que todos envolvidos nesse processo ao educar-se (professor/alunos) apropriem-se de instrumentos para participar na sociedade de forma reflexiva e não apática, assumindo o verdadeiro compromisso com a mudança social” (VASCONCELOS,1995).

1.1 O EDUCADOR E O PLANEJAMENTO: O DESAFIO DE SABER PLANEJAR E ENSINAR.

Até o momento fizemos considerações que revelam alguns porquês de muitos professores sentirem aversão ao planejamento pedagógico.

Agora nos propomos a abordar aspectos que demonstram o ato de planejar como prática essencial do professor, buscando superar (encarar de frente) os desafios que permeiam todo planejamento para, então, chegar a uma prática efetiva e consciente do processo ensino e aprendizagem.

Considerando a afirmação de uma de nossas colaboradoras (durante as entrevistas, na pesquisa de campo):

[...] Temos que saber o que vamos ensinar, e o planejamento é uma das ferramentas essencial. Se realmente o planejamento... o planejar fosse levado a sério por todos professores, falo professor porque é ele que está direto com o aluno, aí o ensino não tava tão ruim, como está, que através dele sabemos o que vamos ensinar e qual a falha que vamos ter. Enquanto um, acredita, IO não gosta nem que fale, aqui na escola é assim. É isso. (prof. da escola C)

Fica evidente a importância do ato de planejar. Como afirma Vasconcelos (1999), ensinar melhor e com significado, o professor tem que saber onde deseja conduzir seus alunos e, através do seu planejamento, se preparar para alcançar os objetivos que já definiu, de forma consciente, percebendo e praticando como necessário para a organização do seu trabalho, enfim, do que pretende alcançar.

Como sabemos, toda aula começa muito antes do momento de entrar na sala de aula. Algumas vezes, é necessário dedicar horas do seu tempo para organizar materiais e espaço a serem trabalhados, isto é, desenvolver as atividades em sala de aula, ou melhor, em todo contexto escolar, sempre exige dedicação e esforço do professor para preparar seu trabalho a ser desenvolvido com os alunos.

Um dos desafios a ser superado, para se planejar com compromisso, é ultrapassar a visão simplória do planejamento, ou seja, a visão que minimiza a importância dessa ação, tomando-o como um ato que pode ser, diariamente, improvisado_ “não precisa planejar tudo, pois nem sempre se consegue realizar”, “a gente planeja e nunca coloca em prática” “teoria é bonita, agora a prática nem sempre são flores” (VASCONCELOS,1999,p.20).

Outra visão a ser desmistificada é a crença (que muitos ainda têm) de considerar o planejamento como algo complicado, chato e puramente burocrático. Deve-se trabalhar junto aos professores, com intuito de se auto perceber como atores significativos num processo real, necessário que através do planejamento se organiza (orienta) o que se pode fazer num ambiente escolar. Isto porque “como não se levanta num prédio sem plantas e cálculos, não se constroem educação sem planejamento” (Idem).

Talvez um dos principais desafios (se não o maior) é procurar novas formas e maneiras que propiciem ao professor desacreditado de sua própria prática a credibilidade no planejamento, ou seja, buscar resgatar o planejamento pedagógico como possível e necessário para a prática docente. O planejamento da educação escolar pode ser concebido como processo que envolve a prática docente no cotidiano escolar, durante todo ano letivo, onde o trabalho de formação do aluno, através do currículo escolar, será priorizado.

Assim, o planejamento envolve a fase anterior ao início das aulas, o durante e o depois, significando o exercício contínuo da ação – reflexão – ação o que caracteriza o ser educador.

Nesse sentido, o fato decisivo para a re-significação de planejamento, conforme Vasconcelos, é a percepção, por parte do sujeito, da necessidade de mudança, onde o professor possa ver objetivo em planejar, ou seja, perceber significado nesse ato, que em sua essência (considerando uma visão crítica – dialética), é uma forma de organizar tudo que se pretende alcançar, partindo sempre dos seus objetivos e das necessidades impostas pela realidade.

Deve-se ter claro que o planejamento pedagógico (cf. REVISTA NOVA ESCOLA outubro, 1999) “Só funciona se considerar a realidade da sala de aula”. “Infelizmente boas condições de trabalho são apenas um sonho para muitos professores. É grande o time dos que precisam se dividir entre vários empregos, não dispo de material e lidam com alunos pouco interessados”. Segundo Alda Carlini da PVC de São Paulo, “o planejamento não pode acabar com todas essas dificuldades... não mesmo, mas pode ajudar”. Pois planejar é uma oportunidade de pensar em formas organizadas de motivar os alunos. “Inclusive nas turmas mais difíceis”. “Mesmo quem tem pouco tempo precisa fazer seus planejamentos”.

“Dá trabalho, mas funciona” (NOVA ESCOLA 1999), assim o planejamento pedagógico de cada professor deve ser coerente com a proposta pedagógica geral definida na escola. Não se planeja só no começo do ano. Todos devem estar sempre em contato, se reunindo e definindo o que é importante para cada momento na escola.

De acordo com as informações contidas na reportagem na revista Nova Escola (outubro de 1999) “Planejar o caminho para a boa aula”, são definidos dez mandamentos que podem auxiliar significadamente o trabalho do educador. São eles:

- Esqueça a burocracia.

Acabou a idéia de que planejar é ir as reuniões chatas “hoje quem leciona tem espaço para criar” (Regina Scarpa).

- Conheça bem de perto o seu aluno.

Para planejar, é preciso conhecer as condições e os interesses dos estudantes.

- Faça tudo outra vez (e mais outra)

O planejamento é um processo, que deve sempre ser revisto e alterado considerando o aprendizado da turma.

- Estude muito para ensinar bem.

“Uma pessoa só pode ensinar aquilo que sabe” (Marcos Lorieri). Então conheça bem os assuntos a serem trabalhados (não ficando na improvisação), mas também é preciso saber como ensinar.

- Coloque-se no lugar do estudante.

O professor deve atentar-se para o fato de as temáticas serem de fato importantes do ponto de vista do aluno.

- Defina o que é mais importante.

Defina critérios que estabeleçam o que é mais importante, até porque dificilmente será possível trabalhar todo conteúdo;

- Pesquise em várias fontes.

Reserve sempre tempo para pesquisar, buscando novas informações em livros, jornais, etc.

- Use diferentes métodos de trabalho.

O professor deve ser criativo, usar todo que tiver ao seu alcance – aulas esportivas, jogos, etc.

- Converse e peça ajuda.

Se tiver supervisor ou coordenador na escola, ótimo, pois eles podem auxiliar muito em suas atividades. Se não tiver esse profissional, aproveite o tempo destinado às reuniões, converse com seus colegas, troque idéias, etc.

- Escreva, escreva, escreva.

Todos sabemos que só se aprende a fazer algo fazendo e escrever não é diferente, só aprende a escrever bem praticando essa atividade constantemente. Esse hábito ajuda o professor a perceber e tirar suas dúvidas se o que planejou estar ou não dando certo. Assim, planejar e saber ensinar são atividades desafiadoras, mas não impossíveis, como já falamos, talvez o principal desafio seja resgatar a confiança do professor no seu trabalho, no sentido de vê o planejamento

como possível e necessário, construir no ambiente escolar uma cultura de trabalho coletivo com perspectivas de necessidades urgentes de mudança.

Então como ensinar para uma vida escolar e extra-escolar significativa?

Segundo Lúcia Moyrés (REVISTA NOVA ESCOLA; 1999), saber ensinar é muito mais que uma simples habilidade expressa pela competência do professor diante do processo de ensino/ aprendizagem. Saber ensinar é uma atividade complexa que requer preparo e compromisso, envolvimento e responsabilidade. É algo que se define pelo engajamento do educador com a causa democrática e se expressa pelo seu desejo de se instrumentalizar política e tecnicamente o aluno, ajudando-o a construir-se com o sujeito social.

Devemos salientar que o professor sozinho e fechado em seu mundo (alienado), não é capaz de transformar a realidade que extrapola a própria escola, e tem suas raízes na estrutura econômica e sócio-político. Mas sua competência enquanto profissional da educação é, sem dúvida, um dos fatores primordiais, quando se pensa na melhoria da qualidade do ensino, principalmente na esfera pública brasileira. Pois considerando a conclusão que chegaram Fletch e Ribeiro (1987) em pesquisa feita a partir de dados colhidos pelo IBGE em 1982, confirmam que o ensino vai mal. Onde, infelizmente há uma naturalização das problemáticas enfrentados na escola (alto índice de reprovação, desinteresse, descompromissos, etc). “Falta-lhe recursos materiais e humanos para fornecer um ensino de qualidade... Há quem pense que o magistério é algo que se improvise, no entanto, é uma atividade profissional que exige preparo especializado para atingir bons resultados, requer formação com sólidas bases teóricas” (LÚCIA/ NOVA ESCOLA, p.15).

Falamos, então, em um profissional, ou seja, um educador competente, comprometido que perceba o planejamento como um instrumento que o auxilie na organização do seu trabalho pedagógico e não como uma missão a ser cumprida por ser obrigatório. Nesse sentido, o professor competente pode aqui ser definido como aquele que sentindo-se politicamente comprometido com seu aluno, conhece e utiliza adequadamente os recursos capazes de lhes propiciar uma aprendizagem real e plena de sentido.

Enfim, professor competente é o que tudo busca fazer para tornar o seu aluno um cidadão crítico e bem informado, em condições de compreender e atuar no mundo em que vive. E muitos professores conseguem fazer bem suas atividades, pois, estes conseguem aliar competência técnico-pedagógica a um grande desempenho e empenho em dar o melhor de si, conseguindo fazer com que os alunos aprendam de uma forma rica e significativa.

Já falamos no desafio de se planejar significadamente e saber ensinar. E dentro desta perspectiva, vendo e colocando em prática o planejamento como possível e necessário, temos que considerar o ofício do educador com competências e habilidades para desenvolver suas atividades de forma satisfatória para si e para os alunos.

Assim Perrenoud sistematiza dez novas competências para saber ensinar,, que segundo ele, contribuem para redelinear a atividade docente, dentro de um contexto da formação contínua, que possibilita ao educador buscar novos conhecimentos, se atualizar e acompanhar de perto e de forma crítica as mudanças sociais que influenciam totalmente no seu ato de planejar e ensinar no trabalho pedagógico da escola.

Sabemos que o ofício do educador não é algo imutável, portanto, o mesmo ao buscar sua formação, melhorando suas ações didáticas, vai incorporando e percebendo no seu agir a essência da sua prática, considerando algumas competências inerentes ao ato de ensinar e aprender.

Dessa forma, o mesmo autor afirma que, se o ofício do educador não é imutável, suas transformações passarão principalmente pela emergência de novas competências, por exemplo, ligadas ao trabalho de outros profissionais ou à evolução das didáticas ou pela acentuação de competências reconhecidas, para enfrentar a crescente heterogeneidade dos efeitos escolares e a evolução dos programas. “Todo referencial tende a se desatualizar pela mudança das práticas e, também, por que a maneira de concebê-la se transforma.. há trinta anos, não se falava tão correntemente de tratamento das diferenças, de avaliação formativa, de situações didáticas, de práticas reflexiva, etc” (PERRENOUD,1995,p. 14).

Nesse trabalho não definiremos todas as competências explicitadas em seu livro, apenas tomaremos algumas como base de uma análise para reforçarmos a importância das competências para um bom trabalho do professor no ambiente escolar, em seu desafio de ensinar para a vida.

Assim a primeira competência é organizar e dirigir situações de aprendizagem, onde acreditamos que numa perspectiva de uma escola real e para vida mais eficaz para todos, essa competência valida e valoriza a vontade de conceber situações didáticas diferentes e mais significativas. Percebemos, dessa forma, o fazer do educador não mais como uma atividade espontânea e de improviso, mas, como uma atividade pedagógica necessária, organizada e intencional. Dentro desta competência (definida por Perrenoud, como global) mobilizam-se outras, tais como:

- Trabalhar a partir das representações dos alunos;
- Construir e planejar dispositivos e seqüências didáticas;
- Envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento, entre outras.

Outra competência é envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho, isto é, promover uma democratização de forma responsável, envolvendo todos da sala de aula de modo que os alunos acreditem no que estão aprendendo e passem a perceber que o conhecimento formal oferecido nas escolas não são passa-tempos ou algo insignificante para suas vidas. Nessa competência, dentro da perspectiva do desafio de saber planejar e ensinar, o educador ciente do seu real ofício deve saber seduzir seus alunos (tornar as aulas atraentes), suscitando por parte dos alunos, o desejo de aprender e construir com auxílio de outros (troca de informações, etc), seu próprio conhecimento, sua própria visão de mundo.

Enfim, no que se refere às competências, podemos abordar o trabalho em equipe (não que as demais não sejam importante, mas, porque neste capítulo alcançamos nossos objetivos), onde Perrenoud frisa a importância da cooperação profissional, poderíamos dizer um processo seletivo que conduza a uma cultura de trabalho em equipe.

Trabalhar em equipe na escola favorece o crescimento de cada profissional, pois quando essa ocorre de fato com compromisso, todos realizando suas ações, com certeza fornecerá base para que o educador (e os demais profissionais da escola) desenvolva outras competências, propiciando situações, em que o trabalho realmente aconteça satisfazendo a todos.

Perrenoud salienta, que essa competência suscita outras mais precisas, entre elas:

- Elaborar um projeto em equipe;
- Dirigir um grupo de trabalho, conduzir reuniões;
- Administrar crises ou conflitos interpessoais, entre outras.

Portanto, quando se trabalha, todos realmente participando, contribuem para gerar e desenvolver uma cultura entre os educadores (que ainda falta em muitos casos) de cooperações, ou seja, uma cultura de trabalho em equipe, onde todos ajudem reciprocamente, conseguindo alcançar dessa forma os objetivos da escola como um todo.

1.2 A NECESSIDADE DE PARTICIPAÇÃO NO PLANEJAMENTO.

O conceito de planejamento definido por Vasconcellos, traz consigo uma exigência a participação. Assim, este autor concebe o planejar como uma oportunidade de repensar todo o fazer da escola, como um caminho de formação dos educadores e educandos, bem como de humanização, de desalienação e libertação__ o desafio de transformação.(1999,p.92)

Nesse sentido a participação efetiva nessa ação é um valor, é uma necessidade para a prática docente e deve ser encarada como um querer e um poder a serem concretizados, isso de forma participativa e consciente.

No processo de planejamento, a participação também tem a ver com uma questão muito prática: o desejo de que as coisas planejadas realmente aconteçam. Uma das grandes queixas nas instituições que planejam é, que nem todos 'vestem a camisa', ou seja, não dão toda credibilidade

necessária aos objetivos traçados, não incorporando a sua rotina de trabalho, pois tanto faz acontecer. Acabando por criar uma cultura de trabalho não planejado, um ciclo vicioso de ações improvisadas.

Para se ter um planejamento participativo, Vasconcellos enfoca três (03) níveis (inter – relacionados): a instituição, que remete ao tipo de proposta feita para a elaboração do planejamento; a individual que tem a ver com o grau do desenvolvimento da pessoa, possibilitando um resgate da condição de sujeito por parte do educador e a coletiva, relativa à organização do sujeito, que favorece um conjunto de forças que se articulam em torno de uma mesma direção, aumentando as chances do que se planejou, venha a ser concretizado. Havendo uma diferença muito grande em termo de possibilidade de realização, entre ‘colocar no papel’ a idéia de um individuo e uma idéia assumida pelo grupo. (1999,p.93)

A participação, portanto, é também um elemento estratégico, é uma forma de diminuir__ pela negociação, pela busca de consenso, ou de hegemonia__ as resistências dos próprios agentes internos à intuição.

Segundo Vasconcelos (1999,p.93 e 94) é necessário fazer um planejamento participativo, uma vez que dessa forma:

- O sujeito da reflexão é também o sujeito da decisão, da ação;
- A motivação pelo fato de estar atendendo as necessidades dos sujeitos;
- A probabilidade de concretização é maior, dado que ajudou a construir está mais predisposto a realizar; possibilita-se o crescimento dialético da autonomia e da solidariedade;
- O que se privilegia é o processo e não só o plano escrito.

Então, a participação deve desenvolver-se e acontecer em todas as instâncias, ou seja, na sensibilização, discussão, decisão, colocando em prática, a avaliação e os prováveis frutos do trabalho realizado. Porém, não poderá esquecer que se não existir condições institucionais mínimas para desencadear um processo de planejamento com a participação da comunidade educativa (mesmo que em diferentes níveis), é porque ainda não há condições de desencadear um processo de realização de uma educação dialética e libertadora.

Considerando, nesse momento, a pesquisa de campo, realizada nas escolas A e B, observamos de perto que em ambas e nas demais que apenas realizamos a entrevista, não há apoio pedagógico que trabalhe e acompanhe o desenvolvimento das atividades, isto é, não existe um profissional que coordene e auxilie os trabalhos que os educadores desenvolvem com os educandos, ficando muito solto a participação direta e real de todos no desenvolvimento do planejamento, como fica evidente nas falas de alguns dos entrevistados, quando perguntamos se na escola que atua, há algum apoio pedagógico:

[...] Não, apenas o diretor pede que seja feito o planejamento e dá algumas sugestões, pois nem sempre dá para nós elaborarmos com todos, com uma participação maior. (diretor da escola A)

[...] Fica muito difícil para nós planejarmos muitas vezes, porque falta um apoio de perto, que nos digam como realizar o conteúdo de forma que tenha mais produtividade. (prof. da escola B)

[...] Aqui na escola não existe planejamento participativo, cada um faz o seu conforme acha necessário e às vezes trocamos idéias, pois nem supervisor tem. (prof. da escola C)

Fica evidente que todo processo da educação escolar, por ser intencional e sistemático, implica a elaboração e realização de um programa, ou melhor, de alguns objetivos que traçados coletivamente, referencia um tipo de relação entre o conhecimento e a realidade, no sentido que aquela seja a referência do conhecimento e este, por sua vez, vise a transformação desta realidade. E segundo Vasconcelos, numa escola, que o planejamento inexiste e se existe não seja colocado no campo da ação, do fazer, corre-se o risco de não existir definições prévias (teoria, valores, etc.) que precisam ser explicitados. E assim não se consegue perceber a importância da participação de todos no planejamento escolar.

Portanto praticar uma ação pedagógica planejada, re-significando o planejamento, implica resgatar sua necessidade, importância e possibilidade. E como estamos definindo, planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada, é sistematizá-la para por em prática. Havendo, assim, uma clara necessidade de participação consciente de todos, pois se este for visualizado

como essencial à prática docente, também, será percebido como uma questão política que envolve posicionamentos, opções, participação e compromisso com reprodução ou com a transformação.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Por acreditarmos que o ato de planejar é um comprometimento com a concretização daquilo que foi elaborado a partir de uma situação dentro de um contexto social, fazendo parte de uma realidade maior, que é histórica, e está em constante modificação, deve ser encarado como um fato dinâmico e complexo, uma vez que são os “os agentes da educação” (alunos, professores, coordenadores...), que fazem parte desse ato, é que optamos por uma metodologia de cunho qualitativa, a qual nos dá a possibilidade de compreender a discussão e compreensão sobre o planejamento e qual é sua contribuição no processo educacional no seu contexto histórico-social.

Segundo Ludke & André, a pesquisa no campo educativo precisa ser compreendida “como inserida dentro de um contexto social, por sua vez, dentro de uma realidade histórica que sofre uma série de determinações”. (1996:05)

Fazer este trabalho nessa linha de abordagem permitiu-nos um esforço em compreender um fenômeno educativo dentro deste o ato de planejar, co-relacionando com os pressupostos que utilizamos durante a realização desta pesquisa e, na própria compreensão que temos a respeito dessa idéia, que nos serviram de orientação enquanto pesquisadoras.

Dessa forma, as características de uma abordagem qualitativa, segundo Ludke & André. São elas:

- 1.[...] A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento[...]
- 2.Os dados coletados são predominantemente descritivos[...]
- 3.A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto[...]
- 4.O 'significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador[...]
- 5.A análise dos dados tenta a seguir um processo indutivo[...] (1986,p.11).

Para a realização de nossa pesquisa de campo, definimos 04 (quatro) escolas da rede municipal de ensino localizadas no bairro São Félix, no município de Marabá/PA, para em seu ambiente desenvolvermos nosso trabalho. É necessário ressaltar que, dentre estas, a observação em sala de aula se deu em 02 (duas) escolas A e B, e a aplicação das entrevistas semi-estruturadas foram realizadas em todas (A, B, C e D).

Então, a partir da decisão e compreensão do que iríamos ter como objeto de estudo, fizemos um roteiro, ou melhor, planejamos nossas ações a serem desenvolvidas durante a pesquisa e estando pautadas na compreensão das autoras supracitadas, sobre o que é uma abordagem qualitativa, fizemos a primeira visita às escolas A e B (que elegemos para desenvolver a observação em sala de aula) da rede Pública e Municipal, onde funciona o ensino fundamental, sendo que na escola A funciona de 1ª a 4ª séries, no horário matutino e 5ª a 8ª séries no horário vespertino e noturno. E a escola B, de 1ª a 4ª séries no período diurno.

O que nos conduziu à escolha dessas escolas se justifica pelo contato que tínhamos com as mesmas, conhecíamos a sua realidade, educandos desmotivados, educadores "cansados" e muitas vezes alheios às mudanças sociais, descrédito na ação pedagógica planejada. Ressaltando que o elemento chave que definiu e concluiu tal escolha foi, por ser do nosso conhecimento, a ausência de apoio pedagógico que seria fornecida pela figura do coordenador, sendo este, ao nosso modo de pensar, um apoio essencial para a troca de idéias, a orientação para a realização das ações pedagógicas do educador, enfim, para a construção coletiva e participativa do processo ensino e aprendizagem dos atores desse segmento. Os questionamentos freqüentes que fazíamos, eram: Qual a importância do ato de planejar? Quais os principais problemas enfrentados no processo de planejamento, tanto em termo de elaboração quanto de desenvolvimento no

ambiente escolar? E, por que há um acentuado fracasso no momento da prática desses planejamentos?

Nesse sentido, conseguimos liberação dos gestores para que pudéssemos realizar nossa pesquisa e conversamos com os professores e alguns alunos sobre a possibilidade de ceder-nos tempo e espaço permitindo-nos a observação no ambiente em que desenvolvem suas atividades educativas. Alguns professores não demonstraram interesses e disponibilidade em participar da pesquisa, o que a certo ponto dificultou a coleta dos dados, mas em termos gerais conseguimos concretizar a pesquisa. O trabalho de campo compreendia a observação em sala de aula (uma semana em cada série); aplicação da entrevista semi-estruturada (aos professores, alunos e gestores), a qual foi realizada ao mesmo tempo em que desenvolvemos a observação, tendo início no dia 04 de novembro de 2002 e, o término no dia 20 de dezembro. Vale ressaltar, ainda, que houve alguns momentos inesperados e/ou diários da realidade escolar, como reuniões, eventos, conselhos de classe, etc., que não nos permitiu acompanhar o desenvolvimento de todas as atividades selecionadas para a observação.

Nossa pretensão, com esta pesquisa, é a de prestar alguma contribuição à educação pensando soluções adequadas aos problemas detectados na realidade estudada, a partir de uma análise científica da mesma. Para que isso acontecesse, a utilização de técnicas adequadas de pesquisa fez-se necessário. Ludke & André, dão a seguinte indicação sobre técnicas para a coleta de dados:

[...] a observação participante, que cola o pesquisador à realidade estudada; a entrevista, que permite um maior aprofundamento das informações obtidas; e análise documental, que complementada os dados obtidos através da observação e da entrevista e que aponta novos aspectos da realidade pesquisada (1986,p.09).

Desta forma, a coleta sistemática de dados sobre a problemática: “A Organização do trabalho pedagógico: o planejamento nas séries iniciais do ensino fundamental”, desenvolveu-se sendo argumentado dentro das exigências da abordagem qualitativa.

Todavia, é necessário frisar que houve resistência ao diálogo, com os agentes pesquisados, o que dificultou a pesquisa, em especial com o educador (no que se referia a construção do seu planejamento, pelos seus medos e angústias que muitas vezes demonstravam, indício da própria visão de mundo desses). Fator este que dificultou a interação constante com os mesmos, para que pudéssemos conhecer seus valores, pensamentos, sonhos, esperança e que postura em relação às políticas que fazem parte do todo processo histórico. Mas temos a certeza de que tal atitude só nos ajudaria a compreender melhor os fatos em que os agentes pesquisados estão inseridos, pois como afirmam Ludke & André:

[...] O 'significado' que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador (1986, p.11).

Em suma, desenvolver esta pesquisa, sendo seu objeto de estudo a organização do planejamento pedagógico realizado pelo educador, nos remetem a necessidade urgente, por parte dos sujeitos/atores do segmento educativo, de refletirem sobre a real importância do ato de planejar, pois o mesmo já não deve ser encarado e muito menos praticado como uma atitude improvisada, em que pode ser elaborado e sistematizado a qualquer momento e lugar, seja no espaço da escola, seja em casa "assistindo qualquer programa". E acreditamos que esta descrença no planejamento esta se dando, pelo fato do educador (em especial), ainda não ter compreendido o real significado do planejamento pedagógico, bem como sua necessidade e importância para desenvolver toda e qualquer atividade educativa que se almeje, no sentido de ser qualitativa e significativa para todos que fazem parte desse processo.

ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro ponto que consideramos importante ressaltar para o desenvolvimento da análise dos dados obtidos durante a pesquisa de campo (tanto a observação em sala de aula, nas escolas A e B, quanto a entrevista realizada em todas as escolas pesquisadas – A,B,C e D, com a participação dos nossos colaboradores), foi a resistência por parte da maioria dos colaboradores em participar, diretamente, deste trabalho, ou seja, muitos não quiseram ser entrevistados, outros argumentaram estarem indisponíveis no momento. Sempre tinham uma desculpa, outros, participaram porque a direção da escola entrevistou, além de alguns diretores nunca terem “tempo” para esse momento.

Então, na tentativa de explicar, alguns dos fatores que podem ter influenciado negativamente e, que pode ter conduzido a essa resistência, principalmente no desenvolvimento da entrevista, podemos, citar Marximiliano e Ilza Martnis (1991:44,45) que afirmam:

- Os professores não estão planejando, considerando as necessidades dos alunos;
- Planejam para cumprir “obrigações” burocráticas;
- Não acreditam que planejar faz sentido, pois planejam e, muitas vezes, não conseguem praticar.
- Não perceberam que o ato de planejar suas ações é necessário e fundamental para sua prática;
- Não perceberam que na escola, todos estão num processo de “educar-se” e não mais como era praticado uma ação onde o professor ensina e o aluno aprender __ mero espectador da sua própria aprendizagem;

Complementando tais afirmações, Vasconcellos também desenvolve idéias sobre a falta de sentido no planejamento pedagógico, isto é, “muitos educadores não planejam suas ações, por

não acreditar no planejamento, por acharem que não é possível planejar, outros acham necessários, mas, do jeito que vem sendo feito, não está bom, e por fim, alguns acreditam que não é necessário o ato de planejar, ficando esses nas ações improvisadas” (1999:17 a 20).

Assim, percebemos em algumas falas dos nossos colaboradores esse medo de expor o que pensam e o que estão praticando enquanto ação pedagógica:

[...] Planejamento para mim é (aí meu Deus), planejar é elaborar com antecedência o que vai fazer, com antecedência. Aí! eu acho que é isso. (prof. da escola C)

[...] Planejar para mim serve para proporcionar uma aula, assim uma aula tipo prazerosa, com objetivo... como é... deixa eu tentar ser mais clara, serve para alcançar meus objetivos e para os alunos, entende? (prof. da escola D)

Com relação a prática educativa, ressaltamos que a observação se deu em duas (02) escolas A e B, no segmento de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, no bairro São Félix, no município de Marabá/Pará, nos quais percebemos, baseadas em nosso referencial teórico, que o processo de ensino e aprendizagem estava centralizado nos alunos que apresentavam um nível de aprendizagem mais avançado (como muitos professores afirmaram), que os demais, ou seja, a maioria dos professores observados, tinham como referência os “mais avançados”, isto é, se limitavam aos alunos que não apresentavam muitas dificuldades de aprendizagem, não considerando os que tinham graves problemas na aprendizagem (defasagem entre série/idade, não sabiam ler ou escrever convencionalmente, etc.).

Dessa forma, as atividades planejadas apenas contemplavam tais alunos, (aqui denominados avançados) e os demais (com sérias dificuldades) ficavam totalmente a parte do processo, era apenas meros espectadores do que acontecia diariamente na sala de aula. Observe o transcrito:

[...] Tem aluno que demora a aprender, aí tem que ter muita paciência, mais tem outros que quase não dão trabalho. E como cada um tem seu jeito de aprender agente tem que fazer várias atividades. (prof. da escola C)

Baseadas nessa problemática observada, constatamos que o planejamento desses professores, é burocrático, o que nos induz a pensar que, em momento algum, foi construído para todos os alunos. Sabemos que na rede pública de ensino, dificilmente o professor encontrará alunos com todas as suas habilidades e competências desenvolvidas para poderem ingressar na série posterior (muitos passam sem ao menos terem aprendido a ler e escrever – alfabetizados; imagine, sabendo refletir sobre sua existência, desenvolvendo seu senso crítico que permita atuar, concretamente, na vida social), existindo muitas vezes uma disparidade acentuada na aprendizagem, alunos da mesma idade e na mesma série, porém com níveis totalmente diferentes. Não estamos afirmando que a escola é a vilã desta problemática, pois sabemos que o apoio da família, sua participação direta sem esquivar – se do processo de aprendizagem dos seus filhos, certamente, contribui para que eles participem efetivamente da sua aprendizagem. E como observamos, em momento algum houve a preocupação das escolas pesquisadas, de uma forma geral, em desenvolver um trabalho mais aprofundado com os alunos que tinham dificuldades em sua aprendizagem. Planejamento houve sim (descontextualizado), no entanto, o mesmo não foi considerado a problemática da realidade, ou seja, o planejamento não se realizou com vista a ajudar os alunos a superarem suas dificuldades. Como observamos as ações pedagógicas, dos professores estão arraigadas a uma concepção tradicional que prioriza o repasse de conteúdos, a valorização excessiva de quem “ensina” e não da produção dos educandos o que fica evidente nas falas abaixo.

[...] Sempre quando planejo, pego algumas idéias dos planos passados que me auxilia. (Prof. da escola D)

[...] Acho importante para aprendizagem do aluno, considerar as propostas que vem no conteúdo programático, que recebemos no início do ano. (Prof. da escola C)

A despeito das informações coletadas nas entrevistas, consideramos que a maioria dos professores (se não todos) tem algumas dificuldades em sistematizar suas idéias, ficando muito no senso comum, isto é, afirmam, em grande maioria, que o planejamento é necessário, mas assim o faz, apenas em discurso (já possuem um discurso pronto, incorporado, que planejar é importante, apesar de muitos não acreditarem nessa idéia). Eles ainda não conseguiram perceber na sua prática que esse é um instrumento, de fato, importante para organizar suas ações. Por que

afirmamos isso? Poderíamos nos iludir e colocar as nossas utopias de que todos os professores planejam e acreditam nas diversas possibilidades das suas ações pedagógicas planejadas para alcançarem, verdadeiramente, os objetivos traçados, porém se assim fizessemos, essa pesquisa em nada contribuiria para tentar auxiliar na prática dos professores (pelo menos de alguns), pois, quando os entrevistamos, em sua grande maioria, afirmaram que planejavam sim, entretanto, não organizavam, através de registro, esse planejamento, planejavam apenas mentalmente, sem registrar, sem documentar suas ações, não oficializando – as, a não ser quando cobrados, expondo, ainda, que não tinham horário certo para realizá-lo. E, quando o faziam era assistindo ao jornal, ou por semana ‘quando dava tempo’ ou era realizado diariamente, se sobrasse um tempo disponível, conforme se constata na fala de alguns:

[...] Sim, como eu coloquei, geralmente a noite na hora do jornal eu estou escrevendo, mais nem sempre dá para oficializar no papel, por que é muita coisa, pois eu trabalho com duas turmas e as vezes não sobra tempo. (prof. da escola D)

[...] Não estou registrando, só tenho na memória. (prof. da escola B)

Poderíamos, atribuir (talvez) esse descrédito na ação pedagógica planejada, a vários fatores, entre eles, a idéia de que nem sempre o planejamento dá certo, a falta de alto-estima, a carga horária excessiva que muitos possuem, a própria desvalorização salarial e do seu trabalho, enfim a todo um conjunto estrutural que vem desvalorizando este profissional, o aliando a um processo de improvisação de suas ações.

Nesse conjunto de problemas elencados, não poderíamos deixar de mencionar a falta de apoio pedagógico constatada em todas as escolas pesquisadas. Assim, uma das grandes queixas e argumentações que os professores atribuem a falta de credibilidade no planejamento, é a inexistência desse apoio que segundo os entrevistados auxiliam as suas práticas.

[...] Aqui não tem um orientador, um supervisor, aqui você faz seu planejamento baseado nos planos passados. E, às vezes a gente se senta com o diretor e discute o andamento do estudo. (prof. da escola A)

[...] O que eu percebo é que tem muita cobrança, professor tem que fazer isto, professor tem que dar conta de 75% dos alunos aprovados, porém não te dão nenhum suporte, apenas cobra e o professor que se vira. (prof. da escola B)

Não estamos afirmando que os problemas constatados existem por falta de um coordenador pedagógico, pois estaríamos minorizando todo o trabalho dos educadores. O que estamos salientando é que o coordenador na escola contribui para a troca de idéias, no auxílio e orientações das atividades a serem desenvolvidas, além de ser um apoio a mais que os professores terão para tirar suas dúvidas, buscar coletivamente para solucionar suas dificuldades e assim tornar suas ações planejadas satisfatórias, tanto para si como, principalmente, para os alunos.

Outro ponto, a ser ressaltado na pesquisa, é em relação a formação dos educadores que na totalidade (com exceção de um) a sua formação restringe-se ao Ensino Médio-Magistério, afirmando já terem estudado para ingressar na Universidade, mas por vários motivos, entre eles, família, carga horária, salário, e outros, acabaram por desistir.

[...] Já tentei fazer o vestibular, mais às vezes estou tão cansada que nem consigo saber o que realmente estou fazendo. (prof. da escola B)

[...] Não tenho tempo, a não ser para ler o livro que irei trabalhar no dia da aula. (prof. da escola D)

[...] Sei que é importante estudar, e que conforme a LDB, não pode existir professor atuando só com o Magistério. Mas o que eu posso fazer, já tentei duas vezes o vestibular e não conseguir e no momento não posso pagar uma Universidade particular. (prof. da escola B)

Nesse sentido, acreditamos que esses obstáculos, na maioria das vezes impedem esses profissionais de desenvolverem um bom trabalho, pois, compreendemos que tentam praticar aquilo que aprenderam há vários anos, mas muitos não conseguem perceberem que a sociedade se transforma, diariamente, e a educação também. Muitos ainda vêem a educação, sendo o professor que passa o saber e o aluno que aprende, tendo uma visão tradicional da educação, limitando – se a transmissão do conhecimento. Não visualizaram o processo ensino e aprendizagem como uma troca recíproca: “o educador, educa, mas também é educado, como o educando é educado, mas também educa, isto numa relação de diálogo, intercomunicação” (PAULO FREIRE, 1987,P.68).

Todos os professores entrevistados participam de algum curso de formação continuada, oferecido pelo município, tais como, PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores) e os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). Porém, um dado importante deve ser ressaltado: alguns professores não conseguem inserir na sua ação pedagógica os conhecimentos válidos desses cursos, não os vêem como um instrumento que pode auxiliar nas suas atividade pedagógicas, afirmando que participam porque são "obrigados", pois dificilmente praticam alguma coisa e quando tentam praticar, às vezes, dá errado e assim, ficam desmotivados. Podemos, então, afirmar que esses profissionais na sua boa vontade tentam colocar em prática, mas cansam rápido e desistem. Porém, como afirma Vasconcellos, para se planejar as atividades educativas que considerem a realidade, com sentido, não basta esperar cair do céu ou acontecer um milagre e muito menos ter simplesmente "boa vontade" (não é qualquer ação que faz a diferença), pois o processo de planejamento do ensino é mais complexo e exige de todos um real compromisso, caso contrário criam-se pseudo-planos que em nada contribuem para a formação do educando, como aqui estamos definindo, um sujeito que ao ser educado também educa, isto em comunhão com outros, em diálogo, educam-se.

Percebemos também uma certa apatia dos alunos no processo educativo. Afirmamos isso, com base na fala dos alunos entrevistados em que notamos um certo despreparo para a vida social. Eles se encontram apegados a conceitos definidos por seus pais ou professores, isto é, pelos "adultos", sem pensar e refletir sobre "essas verdades". Tentando sermos mais clara, observe estas afirmações de dois alunos, durante a entrevista:

[...] Sem a educação a gente não é nada, meu pai sempre me diz e é verdade. (aluno da escola B)

[...] Estudando eu vou conseguir uma profissão. (aluno da escola A)

[...] Há! Eu estudo porque quero ser alguém na vida, ter uma profissão e ajudar meus pais. (aluno da escola C)

Então podemos afirmar (baseado nos dados coletados) que a prática de muitos educadores pesquisados não estão propiciando, aos alunos, a construção de uma nova postura e uma nova maneira de olhar a vida, a realidade a sua volta, isto é, uma educação que os possibilitem desenvolver idéias críticas, reflexíveis sobre os fatos sociais. Não queremos aqui está

massificando e afirmando que o grande vilão (ou o único), ou melhor, o responsável, por essa problemática de apatia aos fatos sociais, são os professores, pois assim estaríamos tirando a culpa de todos que pertence a esse processo educativo e criando um mártir para colocar todas as suas frustrações e culpas, assim também, cairíamos no senso comum: “se a educação vai mal, é culpa do professor”, “se o aluno não aprende, é culpa do professor”, “se não sabe posicionar-se, é culpa do professor”, “se...”. Sabemos que essa apatia é conjuntural e o professor, nesse contexto, se torna peça chave da classe dominante para reproduzir e moldar atitudes “legalmente aceitáveis”. Não estamos aqui concluindo que a escola só serve para reproduzir e massificar as classes desfavorecidas. Ela serve para isso, todos nós sabemos que sim, porém, no seu seio também pode ser construído o germe da indignação, da luta e da transformação, fazendo com que o senso comum_a aceitabilidade de tudo, se transforme em bom senso, em senso crítico e reflexivo__ tornar o pensar reflexivo e a ação transformadora, __ “ação-reflexão-ação”. Pois como afirma Gramsci, “a escola e sua função em certa medida, pode ser transformadora”, ou seja, quando a mesma proporciona às “classes subalternas os meios essenciais para que após uma longa trajetória de conscientização e de luta, se organize e se tornem capazes de ‘governar’ aqueles que os governam”.(1995)

Nesse contexto se a educação deixa de ser bancária (claro que demanda tempo e compromisso) tornando-se problematizadora e libertadora, contribuindo com a formação do educando de forma verdadeiramente conduzindo-o no sentido de humanizar-se, a saber posicionar-se e participar de possíveis modificações sociais.

Como fala Paulo Freire:

[...] Em verdade, não seria possível a educação problematizadora... Sem superar as contradições entre o educador e o educando. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. (1987,p. 68)

Considerando nossa visão e postura de pesquisadoras e segundo Ludke & André sendo o pesquisador o principal instrumento e o ambiente natural sua fonte direta de dados, a principal ação que está faltando ser colocada em prática nas escolas, por todos que fazem parte desse

processo e que vem contribuindo para uma educação ainda em muitos casos conteudista, é a falta de percepção do real sentido do planejamento, de tornar suas ações/práticas significativas e seu planejamento pedagógico como uma peça fundamental para um processo de ensino e aprendizagem significativo. Como afirma Vasconcellos, e compartilhamos dessa idéia, o educador tem que se fazer perceber a real importância do seu ato de planejar, pois não deve encarar essa ação como algo simples, sem sentido ou mesmo apenas para cumprir obrigações e deveres burocráticos.

Não podemos nos esquecer de que dentre esses atores pesquisados, com todo receio que esse trabalho trouxe para eles, fica claro que nas suas atividades diárias, estão “tentando ensinar”. No entanto, para nós, em sua maioria, partem de princípios deturpados, isto é, sabem que a educação não é mais como antigamente (professor centro e aluno mero espectador), porém em sua prática ainda se apegam às ações passadas, e por mais que estejam participando de cursos de formação continuada, acabam fixando-se em práticas tradicionais e aqui, acreditamos que vários fatores podem estar contribuindo para a continuidade dessa mesmice em suas ações pedagógicas, como:

- Planejam suas atividades, mas não dando certo, frustram-se e desistem;
- Apega-se a práticas improvisadas;
- Não costumam registrar o que planejam apenas guarda na memória;
- Não fazem diagnósticos para conhecer o nível de aprendizagem dos alunos;
- Possuem carga horária estressante (todos pesquisados trabalham o dia inteiro e só tem tempo para planejar a noite ou no final de semana);
- Possuem dificuldades em sistematizar suas idéias, bem como para pesquisar;

Claro que nossas conclusões, prévias, não se aplicam a todos pesquisados, porém em grande escala, percebemos que ainda improvisam em suas práticas, não atribuindo a necessária credibilidade que o planejamento possui, isto é, quando é feito, intencionalmente, com sentido e, intrínseco ao que foi definido como objetivos a serem alcançados, auxilia para alcançar um ensino e aprendizagem satisfatório para os envolvidos no processo escolar. Então para nós, esses profissionais não conseguem definir coerentemente seus objetivos, faltando mais alto estima para trabalhar, compromisso e responsabilidade pela formação dos alunos, não conseguindo definir no

seu ato de planejar o que de fato é importante para os educandos, muito menos encaram esse processo como essencial e importante para suas práticas, enfim, ainda não conseguiram desenvolver sua própria identidade, social-política-educativa, que poderá ajudar a perceber o quanto é necessário planejar, organizar e sistematizar as ações educativas. Pois defendemos a idéia de que planejar não é uma ação simples, que o educador pode fazer em qualquer lugar e a qualquer hora, mas um ato sistematizado e reflexivo que prever e organiza tudo o que é importante para aquele ano.

[...] Assim como não se levanta um prédio sem plantas e cálculos não se constrói educação sem planejamento. (NOVA ESCOLA, Outubro de 1999,p.10).

Para planejar, é necessário que a escola, enquanto equipe, defina os objetivos, sistematize e organize-os, pensando nos interesses, necessidades e possibilidades dos educandos. Mais adiante, nesse caminho, defina as estratégias para alcançar esses objetivos, selecione os materiais, os espaços disponíveis, técnicas e o tempo para realizar cada atividade. E entre o primeiro e o último ponto do seu planejamento é preciso encarar com compromisso essa ação, traçando seu trabalho, sua trajetória com interesse, força de vontade e responsabilidade, encarando-o como fundamental para suas ações. Nesse percurso de trabalho, compromisso, interesse, participação e responsabilidade quem o faz (nessa perspectiva), acreditando numa educação para a vida — construção das diversas identidades de cada ator, enfocando toda problemática em relação à aprendizagem, inclusive, a prioridade “aos menos adiantados”, certamente encontrará a chave para o sucesso de todos envolvidos nesse ambiente.

Portanto, durante essa pesquisa de campo, conseguimos constatar e organizar (a partir do que estudamos sobre o tema e, compartilhando com as nossas práticas educativas), nossas idéias sobre a temática do trabalho, bem como, sistematizar possíveis fatores que podem estar afetando as práticas mais significativas desses profissionais da educação. Queremos ressaltar que em momento algum nossa intenção é criticar erroneamente e atrapalhar o trabalho dos mesmos. Nossa primordial intenção é a partir deste estudo, ter possibilitado uma análise que possa explicar (ou pelo menos tentar) alguns fatores, dos diversos, que vem atrapalhando o ato de planejar do

educador em especial e dos porquês referente ao planejamento pedagógico, que faz com que este instrumento, ainda não está sendo visualizado como instrumento necessário e importante para o trabalho na escola de forma em geral. Pois, o planejamento deveria ser para o professor o caminho de elaboração teórica, de produção de teoria. É evidente que no ritual alienado, quando muito o que acontece é tentar aplicar a teoria, e assim o professor se reduz a ser um simples 'consumidor' de idéias/ teorias elaboradas por terceiros. No entanto quando feito a partir de uma necessidade pessoal, o planejamento torna-se uma ferramenta de trabalho intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Planejar o ensino nos revela, sempre, uma intencionalidade, das práticas educativas que se desenvolvem junto com os educandos num processo de intercomunicação (ou que deveria ser), num espaço de diálogo, trocas de experiências, respeito dos valores e culturas, entre outros. A essa ação, principalmente do educador, como podemos compreender e analisar em todo o processo que envolveu essa produção, é determinado e influenciado pelo tempo e espaço num dado momento histórico.

Nesse sentido a ação educativa, quando consciente, não poderá distanciar-se ou muito menos deixar de considerar toda a conjuntura social e econômica e o planejamento pedagógico não pode perder de vista o tipo de homem que a sociedade pretende formar através da educação e muito menos, deixar seu objetivo primordial, ao nosso ver, que é formar sujeitos de fato, reais, “e não apático”, que interfiram na construção histórica e que se percebam como “donos” da sua aprendizagem, pois num ambiente educativo os sujeitos educam-se mutuamente numa relação de trocas constantes e, como afirma Paulo Freire (1987, p.68) “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com educando que, ao ser educado, também educa”.

Assim, ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e que conversas autoritárias não parte desse processo dialógico.

Como já definimos no decorrer desse trabalho, o ato de planejar a educação deve ser sem-

pre encarado como um ato pedagógico e, este por sua vez, é, em essência, um ato intencional (ou deveria, assim ser pensado e praticado por todos envolvidos no ambiente escolar), que reflete a visão verdadeira ou falsa, que o educador possui sobre o mundo social, de forma geral, e o mundo educacional. Então, concluímos que o ato de planejar o ensino deve ser sempre um ato político coerente e real do educador. Enfim, o ato de planejar o ensino é um ato pedagógico, o ato pedagógico é um ato político, e nessa interação dialética o ato de planejar o ensino não pode deixar de ser, também, um ato verdadeiramente político.

Na etapa de planejamento, em que o plano é o resultado e a culminância de um processo mental é possível organizar coerentemente o que se pretende realizar, quando se pratica a dimensão política da ação educativa, a partir do momento em que se faz a previsão dos conteúdos programáticos, das metodologias de ensino e do processo de avaliação da aprendizagem, a serem desenvolvidos num conjunto de aulas a curto, médio e longo prazo.

Em outras palavras, estamos dizendo que os objetivos propostos para a aula, os conteúdos, as atividades de aprendizagem, em suma a prática educativa em todos seus momentos, revelam a postura do educador que deve conter sempre e em todos os casos uma postura política, uma vez que o pensar e praticar da ação educativa é pensar e praticar a ação social de forma democrática. Não mais limitada apenas a discursos que se tornam vazios. Não vê significado do seu trabalho e no planejamento. Pois, o planejamento é um processo mental que supõe análise, reflexão e previsão. O trabalho planejado é importante e necessário porque evita a improvisação e ajuda a prever e superar dificuldades, contribuindo, assim, para a execução dos objetivos estabelecidos, a partir dos diagnósticos e ponto de vista do professor, para a eficiência na ação, pois, do ponto de vista didático, o planejamento ajuda a prever os conhecimentos a serem trabalhados, organiza as atividades e experiências de ensino/ aprendizagem consideradas mais adequadas para a consecução dos objetivos, levando em conta a realidade dos alunos, suas necessidades e interesses.

O planejamento sendo um processo que permite refletir propõe, por ser autêntico, como diz Paulo Freire (1987, p.69) — “Uma reflexão não sobre este homem abstração, nem sobre este mundo sem homens, mas, sobre os homens em suas relações com o mundo”. E aí, sendo o

processo ensino e aprendizagem, uma ação planejada com consciência e responsabilidade (assim pensamos), permite aos educandos/homens, como salientamos nas páginas precedentes, uma prática educativa problematizadora para ambos, que refazem, constantemente seus atos cognoscente, onde o professor discute em conjunto envolvendo todos no processo, ou seja, promovendo a construção de uma cultura de ensino e aprendizagem em parceria e/ou cooperação com os maiores interessados__ os alunos; discutindo os objetivos e anseios que se pretende alcançar, avaliando e auto-avaliando cada momento e suas particularidades, dando sentido, determinando e justificando as intervenções pedagógicas e, enriquecendo o processo educativo que deve ser encarado por todos, como dialético e dialógico.

O ato de planejar, portanto, dá sentido às ações cotidianas de tal forma que possibilita a redução da improvisação do dia a dia, das atividades desenvolvidas na escola, isto porque, o professor auxiliado por ele mesmo saberá o que deve aplicar em sala (de acordo com as necessidades detectadas a partir de diagnósticos e registros), como e porque o fará. Onde suas ações terão uma intencionalidade definida através dos objetivos pré-estabelecidos. E, nesse processo coloca o professor como ator consciente do seu trabalho, além disso, o planejamento definido dessa forma reduz as condutas que são contraditórias em relação aos objetivos desenvolvidos. Permitindo ao professor analisar uma dada realidade, refletindo sobre as condições existentes, prevendo alternativas de ação para superar dificuldades ou alcançar as metas desejadas, agindo durante a ação e depois delas, sem perder a sensibilidade com que toca o educador para a dimensão estética e política de sua prática que, por isso mesmo pode ser movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão dos sonhos, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber da competência, ao do ensino e ao do saber da aprendizagem.

Todavia, é importante ressaltar que durante a nossa pesquisa, detectamos certo descrédito, advém do fato de que tanto o educador quanto a escola estão submersos pelo processo de alienação social, a ponto de não discutir esses problemas que vivenciam no dia-a-dia e não desenvolverem um planejamento na tentativa de resolver seus problemas imediatos. Acreditamos, também, que influenciados por diversos fatores externos (carga horária excessiva, falta de recursos, super lotação das salas, falta de acompanhamento pedagógico, entre outros), ainda não conseguiram desenvolver e praticar seus planejamentos de forma a contribuir para uma real

aprendizagem dos educando, e assim, em muitos casos, acabam por limitar-se a realização de aulas improvisadas e descontextualizadas e, quando elaboram, assim o faz, apenas para cumprir alguma exigência burocrática.

Como objetivo geral para o desenvolvimento do trabalho, definimos a importância de observar e analisar a atuação dos professores nas séries iniciais do Ensino Fundamental (na rede municipal), para compreender como é construído e desenvolvido o planejamento. E o que percebemos é que nem sempre a prática, da maioria dos educadores pesquisados, condiz com seu discurso, não encarando o planejamento essencial para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem, enfim, não se percebe enquanto profissional da educação, um ser político que deve sempre estar construindo sua identidade, mas que infelizmente, encontra-se presos à ideologia dominante

Vasconcelos (1999,p.14) afirma que quando adentramos no campo educacional, deparamo-nos com séculos de denúncias de uma escola desvinculada da vida, abstrata, formalista, autoritária, passiva e, no entanto, numa observação mais atenta, nos damos conta que a prática, no seu conjunto pouco tem mudado... O autor deseja e nós compartilhamos desta idéia, de que a escola cumpra seu papel de uma humanização e emancipação, onde o aluno possa desabrochar, crescer como pessoa e cidadão e, o professor tenha um trabalho menos alienado e alienante, que possa repensar sua prática, refletir sobre ela, re-significá-la e buscar novas alternativas. Para isto, pensamos e acreditamos que a ação pedagógica planejada é um excelente caminho.

Dessa forma, ressaltamos a necessidade de ser construído um trabalho diretamente voltado aos educadores, com intuito de resgatar sua identidade própria, almejando que estes atores do processo educativo consigam perceber e praticar a ação pedagógica planejada como elemento indispensável a sua prática docente, de forma a contribuir com o real aprendizado dos demais atores desse ambiente.

Em momento algum, é de nossa pretensão que este trabalho e suas conclusões, sejam tomados como uma verdade incontestável, pois assim estaríamos estagnando e absolutizando a

realidade, que é construída e influenciada por agentes que estão inseridos dentro de um contexto histórico.

Acreditamos também, que dentro das nossas limitações, esforçamo-nos com intuito de contribuir com respostas, que possam explicar a existência do problema que objetivou nosso trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 7ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDIN, Danilo; CRUZ, Carlos H. Carrilho. **Planejamento na sala de aula**. 2ª Ed. Porto Alegre: 1995.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar? Currículo-Área-aula**. Escola em debate. 9ª Ed. Vozes, Petrópolis: 1991.

NOVA ESCOLA. **Planejar: Caminho seguro para aulas que valem ouro**. Outubro de 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de Aluno e sentido do trabalho escolar**. Coleção Ciências da Educação. 19ª Ed. 1995.

_____. **Novas Competências para ensinar**. Porto Alegre: 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico.** Cadernos Pedagógicos do Libertad-1. 6ª Ed. São Paulo: 1999.

OBRAS CONSULTADAS

COLETÂNIA ESCOLA CIDADÃ. **Escola cidadã: "Construção Amorosa da Cidadania"**. Marabá: 2000.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho científico, que todo mundo pode saber, inclusive você: Explicação das Normas da ABNT**. 11ª Ed. Porto Alegre: s.n., 2000.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. 11ª Ed. São Paulo: 1983.

_____. **A Prática do Planejamento Participativo**. 8ª Ed. Petrópolis: 1984.

MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar**. 3ª Ed. São Paulo: 1984.

THURLER, Monica Gather; PERRENOUD, Philippe. **A Escola e a Mudança**. Contributo Sociológico. Cadernos de inovação Educacional. Sem local e data.

Projeto Pedagógico da Escola. Orientações para sua elaboração. Série Planos e Projetos Educacionais-Nº 05. Belém: 1997.

Programa de Formação de Professores alfabetizadores. Coletânea de textos. Módulo 1 e 2. Marabá: 2001 e 2002.

ANEXOS

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: “O PLANEJAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE MARABÁ”.

ENTREVISTA COM EDUCADORES

DADOS A CONSIDERAR:

Idade _____ anos Sexo F () M ()

Escola: _____.

Série que atua: _____.

Qual sua função no ambiente escolar:

() Diretor () Supervisor () Docente

Há quanto tempo você atua na educação:

() 1 a 3 anos () 4 a 8 anos () mais

1ª) Qual o conceito e pra que serve o planejamento?

2ª) Na sua opinião, o planejamento pedagógico é importante para o desenvolvimento das atividades a serem trabalhadas com os discentes? Justifique sua resposta.

3ª) Como você acredita que deve ser elaborado o plano de aula? E porque o mesmo deve ser desenvolvido?

4ª) Na escola que você atua, há algum apoio pedagógico para a elaboração do mesmo? Explícite sua resposta.

5ª) Quais os principais problemas enfrentados no processo de planejamento, tanto em termos de elaboração quanto de execução?

6ª) Existe outra forma de organizar o trabalho pedagógico? Quais?

7ª) Existe trabalho com projetos? Que tipo?

8ª) Será que o planejamento pode auxiliar no diagnóstico do processo ensino-aprendizagem? Como?

9ª) O professor se organiza mentalmente ou oficializa o planejamento no papel?

10ª) Como o professor supervisiona as atividades realizadas em sala de aula, faz anotações, guarda na memória, enfim, qual o controle que estabelece para saber se as atividades estão certo ou não?

11ª) É discutido com os discentes o as temáticas a serem trabalhadas? De que forma?

12ª) Como você define a relação entre docentes e discentes?

35 anos.

Feminino.

A

2ª série.

Docente.

15 anos.

1ª - É um plano que a gente faz para trabalhar na escola. E serve para saber o que a gente vai trabalhar com as crianças (né?), saber se informar.

2ª - Sim. Porque agente fica atualizada (mais eu estou um pouco desatualizada __ nesse momento sorrir).

3ª - É aquele que a gente aprende quando estudou no Magistério (conteúdo, desenvolvimento, objetivos, etc.).

4ª - Não. Cada professor faz o seu, eu, por exemplo, faço diariamente em minha casa.

5ª - Enfrento mais nos objetivos e estratégias, fica difícil dizer às vezes o que se quer (nesse momento notamos apreensão enquanto explanava suas respostas). Na execução, tem vez que sai como planejei, outras vezes não, pois no trabalho em grupo tem aluno que não quer fazer, não quer trabalhar de forma alguma com os colegas (o que você tenta fazer para reverter a sua idéia?). Há, eu (fica pensando) falo que não pode agir, dou exemplos, mais na maioria dos casos, eles ainda não aceitam.

6ª - Não. Acho que não.

Vejo só. Eu trabalho o que tem que ser trabalhado, faço o plano certinho trago e aplico, penso que ajuda na aprendizagem dos alunos (né?)

7ª - Sim, assim eu fiz com eles sobre a dengue (Nesse momento perguntamos se havia a elaboração teórica do projeto), há isso não. Foi feito com eles na prática, expliquei, mais eu não fiz até hoje o escrito para entregar... Fica assim na cabeça, aí eu coloco registrado no diário, para mim é o suficiente.

8ª - Há! Acho que sim (sorrir), muitas vezes tem meninos que alcança né? A maioria alcança a meta traçada, mais sempre tem uns que agente pode fazer de tudo mais não aprende. (aprofundando no questionário perguntamos a mesma se ela trabalha de mesma forma com todos, considerando para isso a questão da heterogeneidade) __ Sim, eu realizo várias tarefas e atividades, pois tem uns que sabe mais e outros que sabem menos, então tem que trabalhar de

maneira diferente para ver se quem não sabe aprende, se não como pode passar? (continua apreensiva)

9ª - Eu faço o plano diário, penso o conteúdo que é programado e elaboro o que tem que ser feita para aquele dia.

10ª - Eu não faço anotações, a não ser no diário, mais fica bem guardado na minha cabeça (mais você considera o que eles já aprenderam ou não para planejar, já que não tem um caderno de registro específico para esse ato? A perguntamos). Claro que sim, eu considero tudo, é tão tal que tem no plano, nos objetivos que a gente tem que ajudar o aluno a criar gosto pela aula.

11ª - Discuto. Olho eu converso falo sobre o que vou trabalhar, explico (mais você discutiu o que vai trabalhar?). Há. Às vezes sim, outras nem tanto, pois às vezes surgem meninos que não quero aceitar, aí eu explico até convence que tem trabalhar é aquilo, que é bom para eles, e também é o assunto da série tem que se trabalhado.

12ª - Deixa eu pensar, é igual eu te falei (referindo a um aluno, classificado como aquele que não quer nada com a vida). Tem meninos que não tem conversar, mais a maioria é harmonioso, tirando sempre os que só querem brincar, riscar, xingar, não querem saber de nada.

38 anos

Feminino.

D

1ª e 3ª séries.

Docente.

12 anos.

1ª - Planejamento é para mim, orientar as minhas aulas, serve de orientação. Para que serve, para mim proporciona uma aula (como assim?), assim, uma aula tipo prazerosa, com objetivo... Como é... Tanto para mim como para os alunos. (tá bom?).

2ª - Sim, porque você vai mais preparada (para que?), ora para mim desenvolver uma aula com mais clareza.

3ª - Acho que deve ser elaborado para orientar para...(corta o seu pensamento) eu acho importante porque tudo na vida deve ser planejado. Deve ser desenvolvido, também porque serve de orientação para o meu dia-a-dia, para o meu trabalho, porque tem que planejar.(planejar porque é obrigatório?), não é bem assim, além de se uma exigência com a nossa profissão, pois se não fizer você pode a ter se demitido, também é importante para o aluno.

4ª - Não, não tem supervisor, agente se vira. Faço em casa final de semana, sim, como eu coloquei, geralmente à noite na hora do jornal eu estou escrevendo, mais nem sempre dá para oficializar no papel, porque é muita coisa, pois eu trabalho com duas turmas e as vezes não sobra tempo. Peço também ajuda a outros colegas de outras escolas que já trabalha com supervisão.

5ª - Em relação ao material pedagógico (pode explicar melhor), pois não tem na escola, agente tem que pedir para os alunos. E também outro problema é a frequência dos alunos, não sei o que acontece mais tem uns que quase não vem à escola.

6ª - Não, faço o plano e trabalho, mais assim encima do plano de aula, do conteúdo do programa (é isso? Perguntou para nós).

7ª - Não. Ainda não (justifica).

8ª- Ajuda sim, para mim eu acho, pois através das atividades eu sei quais as dificuldades dos alunos.

9ª- Não. Eu penso o assunto a partir do conteúdo programático e oficializo no caderno de plano de aula.

10ª - Eu registro tem tudo guardado, e no meu diário. E os alunos que tem dificuldades, eu faço outros trabalhos (que tipo?), há atividade diferentes, tipo assim, se não sabe ler eu trabalho mais a leitura e assim vai.

11ª - Às vezes eu trago já definido o assunto, outros momentos eles fala __ tia vamos fazer isso, aí eu trago o assunto.

12ª - Às vezes tem conflito (conflito porque?) quando eu pego no pé dele, sendo que eu faço para o bem __ na hora de aprender para ser mais exata. E outras vezes é muito agradável principalmente quando tem bate papo, aí eles ficam mais atentos, tem mais compreensão, companheirismo e amizade.

45 anos.

Feminino.

C

3ª e 4ª séries.

Docente.

25 anos.

1ª - Planejamento para mim é (aí meu Deus) planejar é elaborar com antecedência o que vai fazer, com antecedência. Ai! Acho que é isso.

E ele serve para você não se perder na aula (como é que se diz) para se orientar.

2ª - Sim, porque ele pode ser flexível, se eu tenho planejamento ele pode me guiar, desde que seja flexível.

3ª - Eu elaboro de acordo com a necessidade dos alunos, considerando também o conteúdo programado.

4ª - Não, eu planejo em casa, a meu critério, por semana, antes eu fazia diariamente.

5ª - E na hora de executar, pois falta material, acessórios. Também às vezes na hora de planejar, faltam palavras.

6ª - Vou além de plano de aula.

7ª - Trabalhei com feira cultural, fazendo o projeto e foi arquivado na escola.

8ª - Percebe no dia a dia.

9ª - Não, eu faço os dois, eu oficializo colocando no papel e preparo.

10ª - Só no diário, que fica as notas e fica também na cabeça.

11ª - Hoje mesmo foi uma metade deles, outra minha, foi flexível, não só eu que imponho.

12ª - Conflito entre a memória, eles querem só brigar, xingar, falar palavrões, aí se chama atenção aí, eles se rebelam. Muitas vezes conversamos para ver se acalmam os ânimos, então conversamos, conversamos com os pais, convoca reunião.

33 anos.

Feminino.

D

Docente.

15 anos.

1ª - Para mim planejamento é aquela atividade semanal ou mensal, eu faço semanal, é um apoio para o professor se orientar. Serve para nos orientar para termos aquele recurso, agente tem que se preparar sabendo o que vai colocar para a criança e tudo que fazemos nesse mundo deve ser planejado. Mas geralmente não tenho tempo a não ser para ler o livro que irei trabalhar no dia da aula, mas o esforço é grande.

2ª - Importante. É que ele é nosso (como se diz) é nossa bíblia, não de seguir copiamente, mais sempre recorrer para fazer um bom trabalho.

3ª - Meu planejamento eu faço em casa, diariamente, tem vez que eu faço semanal, eu faço sempre. Só quando tinha supervisor é que fazíamos na escola, todos os professores. Eu desenvolvo de acordo com o desenvolvimento do alunado, de acordo com a necessidade. Muitas vezes, você planeja é não dá certo para aquele momento, às vezes o aluno traz outras informações e agente não pode descartar. Tem dia que trazem livros e agente sai do planejamento oficial.

4ª - Não, os nossos recursos são dos cursos que fazemos como o PROFA.

5ª - É porque nem sempre a gente sabe realmente a necessidade do aluno, a dificuldade é elaborar um planejamento que alcance a aprendizagem de todos os alunos. Na execução, às vezes a recepção é negativa, muitas vezes é uma atividade que eles não estão acostumados, então dificulta.

6ª - Não.

7ª - Nesse ano não, (mais quais já foram feitos?) há como a Comunidade de Leitores, mais o projeto escrito não foi feito.

8ª - Há auxilia sim, com avaliação contínua você vai diagnosticando as crianças, se o planejamento foi alcançado.

9ª - Sim, como eu coloquei, geralmente à noite, na hora do jornal eu estou escrevendo, mais nem sempre dá para oficializar no papel, por que é muita coisa, pois eu trabalho com dois turnos e as vezes não sobra tempo.

10ª - Não, eu faço assim, eu tenho diário de classe, dentro de cada mês eu faço observação se eles desenvolveram e registro no diário.

11ª - Discuto, eu coloco a pauta de hoje, agente vê se eles concordam.

12ª - Boa a relação, às vezes eu me excedo um pouco, pois tem alunos que agente sempre tem conflitos, mais em geral é boa.

32 anos.

Feminino.

A

1ª série.

Docente.

09 anos.

1ª - Planejamento para mim é organizar o dia-a-dia da gente, para poder fazer um bom trabalho, sem planejamento a gente não pode fazer nada. E, ele serve para a gente se orientar dia-a-dia, né?

2ª - Certo. É porque a gente sem ele não faz nada, si eu não planejar eu vou para a sala de aula fazer o que? Trabalhar o que?

3ª - Acho que deve ser elaborado através de (como si diz...) através do conhecimento da criança.

4ª - Aqui não tem um orientador, um supervisor, aqui você faz seu planejamento baseado nos planos passados. E, às vezes a gente se senta com o diretor e discute o andamento do estudo. Ou fazemos sozinho, agora, já no final estou fazendo com outras escolas, pois tem supervisora e a nossa não tem para nos ajudar.

5ª - E às vezes agente enfrenta, às vezes não dá certo, agente tem que pensar muito; Eu enfrento, porque às vezes tem crianças que não sabe ler, e outras sabem ler e aí tem que elaborar várias atividades diárias.

6ª - Existe sim, porque às vezes a gente não elabora o plano, a gente pode trabalhar com uma pesquisa, brincadeira, com jogos, e outras coisas.

7ª - Lentamente a gente ta tentando, agora com o PROFA a gente ta dando os primeiros passos (mas já foi realizado algum nesse ano?). Há, já sim, sobre (deixa eu pensar), há sim, como as feiras de ciências, culturas.

8ª - Há através das explicações, dos conteúdos que eu dou para eles.

9ª - Há é difícil, sempre estou, eu oficializo eu escrevo logo no diário.

10ª - Tenho caderno de registro, trabalho mais com os mais fraquinhos.

11ª - Não, sempre fala, digo a manhã nos vamos trabalhar e falar sobre algo, aí eles trazem outras informações.

12ª - Bom, não tem, apesar de ter sempre os danadinhos, aí eu chamo os pais e converso, converso também com eles, aí acaba melhorando. (nesse momento sorrir).

38 anos.

Feminino.

B

4ª série

Docente.

22 anos.

1ª - Planejamento é uma forma de desenvolver um trabalho bom, sem ele você fica desatualizado, nosso objetivo é o bem para o aluno, mesmo usando o livro didático direto (sabe?) não pode ficar sem planejar, tudo é planejado, todo serviço.

2ª - Sim, em primeiro lugar ajuda a participação da gente, explicação, porque si só fazer e não saber explicar ele não tem sentido.

3ª - Eu acho que deve ser diário ou semanal, tanto faz, o que determina e eu estar bem, (o que é estar bem para planejar?), há olha, vê se você me entende, eu tenho horário, isto é quando eu tou de cabeça fresca.

Há cai na resposta anterior, para me dá mais base no que vou fazer.

4ª - Não, agente faz só, usa os livros e se baseia.

5ª - Tem vez que o meu problema é assim, tem vez que com o conteúdo que ajusta ao rendimento do aluno, aí eu fico na dúvida de saber o melhor, é muito difícil, pois a gente planeja e tem menino que não consegue acompanhar. Também percebo que tem uns que não prestam atenção nas explicações, mais não é a sala inteira, mais eu chamo a atenção, é uma coisa que eu bato na tecla com eles direto, que é ter mais atenção nos assuntos que eu trabalho.

6ª - Faço, tem vez assim que eu faço, conto histórias, agente canta, conta causos da nossa vida, dos livros que lemos, que são coisas que eu às vezes não planejei, é fora do planejamento do meu caderno, também às vezes entramos em debate sobre a vida pessoa de cada um, mostrando para eles alguns caminhos para viver melhor, e são assuntos, realidades que eu não planejei.

7ª - Já sim, eu trabalhei com leitura (você fez o projeto escrito, ou só de cabeça?), há isso não, foi só de cabeça, mais a gente trabalhou com a leitura de livros, onde foi individual e, cada dia um lia um livro e depois ia contar para um colega. Há também eu fiz sobre recorte para eles formarem um texto com letras recortadas, mais é igual eu ti falei, eu não fiz o projeto escrito até porque às vezes não dá tempo, e quando passa você esquece dessa parte.

8ª - Auxilia, acho que você já sabe... Que dá no entendimento deles, levando eles no quadro, corrigindo os cadernos (e é o suficiente?) não a explicação do professor é também muito importante, si o aluno não entende cabe ao professor explicar, eu sempre pergunto quem não entendeu que fale naquele momento, pois eu estou para explicar, eu sempre bato nessa tecla.

9ª - Eu me preparo (como é essa preparação?), olha, eu me preparo mentalmente. Tem vez que eu planejo mentalmente e outras eu uso o livro, Eu uso das duas formas, tem vez que tem muita coisa importante, que a gente passa também.

10ª - Não estou registrando, só tenho na memória.

11ª - Não, tem vez que eu discuto com eles sim, aí eu pergunto para eles porque eles não querem, aí eles falam, para mim passar outro assunto, aí a gente negocia, lá na sala eles gostam muito de pintura, de desenhos, eles se empenhar muito, tem gosto pelo assunto.

12ª - A minha relação é muito boa, á assim, sobre eles me obedecer, quando eu levo o caso a sério, tem uns que me obedecem na hora, outras são metidos a engraçados, mais acaba me respeitando.

26 anos.

Masculino.

C

1ª a 4ª série (Educação Física).

Docente.

08 anos.

1ª - Planejamento é o dia-a-dia do professor, dentro de sua metodologia, e tem que envolver método, disciplina para o professor dominar a sala de aula, com responsabilidade, é esse planejamento deve ser flexível para atingir os objetivos.

Sempre para auxiliar o professor, no desenvolvimento do seu conteúdo programático. De acordo com os objetivos geral e específicos, para facilitar o professor ministrar a sua aula.

2ª - Sim, com certeza, de acordo com o planejamento para orientar os alunos, é uma forma de supervisionar o seu desenvolvimento. É um fator primordial na escola a orientação, pois quando o aluno não vai a escola, esse profissional pode auxiliar.

3ª - Diário, no meu caso, faço no final de semana, pego o livro e vejo o que abrange o interesse dos alunos.

4ª - Não.

5ª - Na elaboração, sem problema, agora na execução tem um problema, porque eles nem sempre aceitam, às vezes chega a querer até bater, saem da sala, e outras coisas.

6ª - Depende, por que o planejamento é diário, semanal, tem o bimestral e o anual, com certeza eu trago para a escola outros assuntos além do programático.

7ª - Aqui não, mais em outra escola que eu trabalhei já, foi projeto de dança e também elaborei o projeto escrito.

8ª - Com certeza auxilia, percebo visualmente se eles têm condições para executar alguma tarefa.

9ª - Mentalmente, sempre assim, por exemplo, eu uso o conteúdo, vou ver se satisfaz as exigências de acordo com as experiências.

10ª - Eu tenho um caderno de registro, eu não trago para cá (a escola) mais tenho em casa, e passo para o diário.

11ª - Não, eu discuto antes com eles se querem ou não, eu faço sempre um diagnóstico.

12ª - Bom, pois eu consigo sempre conversar com eles, claro que em qualquer lugar tem rejeição mais a gente tem que sempre superar essas barreiras.

28 anos.

Feminino.

D

2ª série.

Docente.

09 anos

1ª- Planejar para mim é a gente tem (tipo assim...) um direcionamento para a gente ser ajudado. Olha é a ferramenta, é para auxiliar o professor, é uma Ferramenta como já disse, que eu acho indispensável para o trabalho na escola para o ensino e aprendizagem acontecer melhor, mais real e significativo para o aluno.

2ª - Sim, é como eu falei é de suma importância, sem ele eu me sinto sem algo, faltando alguma coisa.

3ª- Assim, ele deve ser elaborado anualmente aquele plano de curso primeiramente e depois, trabalhar as necessidades mais imediatas.

4ª - Não. Sempre que planejo, pego algumas idéias dos planos passados que me auxilia.

5ª - Não, depende da atividade, da metodologia a gente encontra certas dificuldades, que impede realizar certos trabalhos.

6ª - Não, acho que ele é flexível.

7ª- Tu vê, agora que começou, mais é só início, ano passado trabalhei com o tema de Reflorestamento.

8ª - Sim.

9ª - Sim.

10ª - Só anota no diário e também guardo na minha memória.

11ª - Há sim, até porque eu coloco a pauta de atividade do dia, e procuro uma maneira de chegar a um consenso.

12ª - Às vezes eu encontro dificuldade com alguns, mais sempre converso com eles, e fica tudo bem.

43 anos.

Masculino.

A

—
Diretor.

Mais de 08 anos.

1ª - Organização de trabalho, o planejamento serve exatamente para que o trabalho seja bem feito, planejado e organizado.

2ª - O planejamento é importante, pois as atividades planejadas têm condições de serem refeitas mesmo antes de serem aplicadas.

3ª - O plano de aula deve ser elaborado, após o professor ter contato com a turma que vai trabalhar, pois só assim poderá elaborar um plano em condições de ser aplicado com êxito.

4ª - Não. Apenas eu peço que seja feito o planejamento e dou algumas sugestões.

5ª - O maior problema continua a falta de conhecimento da maioria dos professores e falta de compromisso que na maioria das vezes não planeja nem mesmo a aula do dia-a-dia.

6ª - Você pode organizar o trabalho de várias maneiras, o professor tem que ser polivalente.

7ª - Trabalhos com projetos científicos como, por exemplo, do meio ambiente.

8ª - Pode. Através de um bom planejamento podemos diagnosticar as deficiências e trabalhar em cima destas deficiências, para poder melhorar o ensinamento.

9ª - O certo é organizar no papel, deixando tudo oficializado, pois sendo assim poderá se defender de qualquer problema com alunos.

10ª - Fazendo anotações, pois desta maneira ele tem como controlar as atividades e saber se estão dando certo ou não.

11ª - Aqui na escola acho que não, pois, na maioria das vezes vejo alunos reclamarem de como o professor trabalha.

12ª - Relação de amizade, porém algumas vezes o aluno ataca o professor achando que foi prejudicado, nunca ele é o errado.

27 anos.

Feminino.

C

2ª série.

Docente.

06 anos.

1ª - O planejamento é necessário porque é através dele que saberemos o que trabalhar. Temos que saber o que vamos ensinar, e o planejamento é uma das ferramentas essencial. Se realmente o planejamento... o planejar fosse levado a sério por todos professores, falo professor porque é ele que está direto com o aluno, aí o ensino não tava tão ruim, como está, que através dele sabemos o que vamos ensinar e qual a falha que vamos ter. Enquanto um, acredita, 10 não gostam nem que fale, aqui na escola é assim. É isso.

2ª - Sim. Porque antes mesmo de começar a trabalhar já sabemos o que ensinar. O com isso temos segurança. (né?).

3ª - Há! Com todo mundo, aí as idéias são mais, quer dizer, se torna consenso tanto da escola quanto da turma. E facilita a aprendizagem dos alunos.

4ª - Não. De acordo com o programa que vem, eu faço minhas adaptações. Mas acho importante para aprendizagem do aluno, considerar as propostas que vem no conteúdo programático, que recebemos no início do ano.

5ª - São vários. Mais o principal é a falta de conhecimento entre alguns professores, nem todos né? A falta de amizade entre nós... Também não tem orientador pra ajudar a gente. Aí fica mais difícil ainda. (Sorrir e mexe com a cabeça com sinal de negação).

6ª - Se tem eu não conheço. Mas o planejamento é o principal. (pergunta se não vai acabar a entrevista).

7ª - Sim. Trabalhamos com a Feira Cultural, foi muito importante. Toda comunidade veio. (Perguntamos se foi discutido e elaborado o Projeto). Não. Fizemos um roteiro quem ia falar, explicar, arrumar material, e mais.

8ª - Pode. Porque na sala tem aluno de vários jeitos. Tem aluno que demora a aprender, aí tem que ter muita paciência, mais tem outros que quase não dão trabalho. E como cada um tem seu jeito de aprender agente tem que fazer várias atividades. O que não podemos é deixar atrasar os adiantados. Isso não.

9ª - Os dois. Quando dá faço um plano bem bonito. Quer dizer, bom. (Bom para quem? Perguntamos). Para os alunos, ué?(Mostrou irritação).

10ª - Observando o desenvolvimento de cada um e anotando. (Você tem caderno de registro? Perguntamos). Não, mas trabalho com a turma a 08 meses, se não conhecesse eles.

11ª - Não. Seria bom, mas o que faço é pensar com eles como trabalhar com aquele assunto. Funciona, tanto que tem pai que acha meu trabalho ótimo.

12ª - É bom Ter uma relação de amizade, mas os alunos confundem. Tanto que no ano passado aconteceu uma coisa horrível, entre uma professora e um aluno.

25 anos.

Masculino

B

3ª série.

Docente.

05 anos.

(Antes de começar a entrevista, frisou que só iria responder o que sabia).

1ª - Planejamento é para planejar o próprio nome já diz. Serve para elaborar antecipadamente a aula que vou trabalhar, e através da aula, verifico o que foi alcançado.

2ª - Sim. Se acontecesse na prática, né? (Você acha que não acontece? Perguntamos). Acontece, mas é um em cada cinquenta professores.

3ª - Levando em consideração 03 pontos. Currículo Oficial, Programa da escola e realidade local. Isso é que o aprendi no Magistério, tem na LDB, etc., etc., etc., Pergunta pra mim se funciona. (Funciona? Perguntamos) Não.(repetiu várias vezes).Isso é discurso. O que percebo é que tem muita cobrança, professor tem que fazer isto, professor tem que dar conta de 75% dos alunos aprovados, porém não te dão nenhum suporte, apenas cobra e o professor que se vira.

4ª - Não. Cada um faz seu plano individualmente.

5ª - Elaboração: Falta de apoio pedagógico, conhecimento e de prática. Na execução é pelo fato de não ter uma elaboração em conjunto. Se não planeja não tem como trabalhar bem. Eu faço, reconheço a importância do planejamento. (Qual é a importância? Perguntamos) Se vou casar, passo mais ou menos uns 04 meses planejando (compara). É assim, tudo o que vamos fazer é planejado. Por que na escola seria diferente? Certo?(nos indaga).

6ª - Não.

7ª - Não.

8ª - Pode. Veja meu caso. Terminei meu 2º grau (ensino médio) em 1996. Já tentei fazer o vestibular, mais às vezes estou tão cansado que nem consigo saber o que realmente estou fazendo. Então é através do planejamento que aprendo, ensino, aprendo novamente, ensino e assim sucessivamente.(Você acha que o planejamento te auxilia? Perguntamos). Se eu souber o conteúdo, sim. Mas sei que é importante estudar, e que conforme a LDB, não pode existir professor atuando só com o Magistério. Mas o que eu posso fazer, já tentei duas vezes o vestibular e não conseguir e no momento não posso pagar uma Universidade particular.

9ª - Os dois. Ora um predomina ora o outro predomina, que dizer, sempre o primeiro predomina (referindo a organização mentalmente) (Sorrir).

10ª - Através das provas eu percebo se o aluno aprendeu ou não. É só.

11ª - Não.

12ª - Boa.

50 anos.

Feminino

B

Diretora

32 anos.

1ª - Planejamento é bom para saber que vai trabalhar.

2ª - Depende. (Depende de quê? Perguntamos). Do que vai ensinar. Hoje tem tanta coisa nova, mais se for verificar pouco contribui para os alunos. O construtivismo, por exemplo. (o quê é o construtivismo? Perguntamos). Há, você sabe, é aquele método que não pode dizer para o aluno que tá errado.

3ª - Deve ser elaborado com muito cuidado. Já fiz isso muito. Agora não tenho mais paciência. (nesse momento sorrir e agradece a Deus que vai se aposentar)

4ª - Não. Quer dizer, uma pessoa própria pra isso não. Mas quando estamos na educação somos um pouco de tudo, não é mesmo?(nos indaga). Faço o que poço.

5ª - Falta de interesse dos professores. Esse é o mais importante.

6ª - Não.

7ª - Não.

8ª - Pode. É através dele que o professor pode rever sua prática.

9ª - Na maioria das vezes é mentalmente, porque quase não vejo professor planejando.

10ª - Fazendo anotações no diário. (Como assim? Perguntamos) Registrando as aulas dadas, no diário.

11ª - Não.

12ª - É boa. Tem vez que acontece alguma discussão.

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: "O PLANEJAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE MARABÁ".

ENTREVISTA COM ALUNOS

DADOS A CONSIDERAR:

Idade _____ anos

Sexo F () M ()

Escola: _____

Série que estuda: _____

1ª) É discutido com você os temas (conteúdos, atividades, etc.) das aulas? De que forma?

2ª) Como é a relação entre você e os funcionários da escola, em especial o professor?

3ª) Você gosta do desenvolvimento das aulas (conteúdos, aulas práticas, trabalhos, etc.)?

4ª) Como você gostaria que as aulas fossem desenvolvidas?

5ª) Na sua opinião, qual a importância da escola para a sua formação?

10 anos

Feminino.

A

3ª série.

1ª - Não.

2ª - É boa. Eu gosto muito da professora.

3ª - Sim, gosto. Principalmente dos trabalhos.

4ª - Há! (Pensa) Gostaria que tivesse mais aulas práticas, vídeo...

5ª - Através do meu estudo,...Estudando eu vou conseguir uma profissão.

07 anos.

Masculino.

A

1ª série.

1ª - É. (Como? Perguntamos) Ela (referindo a professora) pede pra gente trazer algum texto, piada, poesia e mais coisa.

2ª - Eu gosto de todo mundo.

3ª - Gosto. (De que você mais gosta? Perguntamos) da aula com pintura, da educação física.

4ª - Do jeito que a professora ensina, está bom.

5ª - Pra ser um profissional.

10 anos

Feminino

B

4ª série

1ª - È. A professora explica como a gente prefere estudar tal assunto.

2ª - É boa. (Como? Perguntamos) Há! Eu respeito eles e eles me respeitam, nunca briguei com ninguém da escola, então, pra me é boa.

3ª - Não. Eu acho muito cansativo. A professora passa a aula todinha falando. (Como seria uma aula boa? Perguntamos) Pensa. Com brincadeira, vídeo, pesquisa e muito mais.

4ª - Eu acho que devia ser menos assunto, conteúdo e mais explicação, mais trabalho para a gente pesquisar.

5ª - A escola ajuda a gente a vencer na vida, sem educação a gente não é nada, meu pai sempre me diz e é verdade.

09 anos

Feminino

2ª Série

C

1ª - Não, acontece assim, a professora chega e fala o que vamos responder e fazer naquela aula, aí a gente faz, e pronto.

2ª - Eu acho boa, não sou mal educada com eles e respeito minha professora, pois eu sei que é importante.

3ª - Às vezes sim às vezes não, porque nem sempre é bom o conteúdo, é difícil e eu custo aprender.

4ª - Pode ser do jeito que é para mim tá bom, só não gosto quando não entendo, aí eu fico com medo de tirar nota ruim.

5ª - Na escola é bom, há! Eu estudo porque quero ser alguém na vida, ter uma profissão e ajudar meus pais.